



**CARTA DE UM
CATÓLICO SOBRE
O ESPIRITISMO**

**PELO DOUTOR GRAND
ANTIGO VICE-CÔNSUL DA FRANÇA**

CARTA DE UM CATÓLICO SOBRE O ESPIRITISMO

Pelo Doutor GRAND
Antigo Vice-Cônsul da França

Traduzido do original: Lettre d'un Catholique sur le Spiritisme.
Traduzido por Terezinha Colle

Curitiba - Pr
2018

INTRODUÇÃO

Vamos inserir aqui, para servir de breve introdução, a recomendação que Allan Kardec fez desta brochura na *Revue Spirite* de novembro de 1860, na seção Bibliografia.

Eis o que escreveu o Mestre:

“O autor desta brochura propôs-se a provar que se pode ser, ao mesmo tempo, bom católico e fervoroso espírita; a esse respeito ele prega pela palavra e pelo exemplo, pois é sinceramente um e outro. Estabeleceu, por fatos e por argumentos de rigorosa lógica, a concordância do Espiritismo com a religião, e demonstra que todos os dogmas fundamentais encontram, na Doutrina Espírita, uma explicação de natureza a satisfazer à razão mais exigente, que a Teologia se esforça em vão para dar, de onde conclui que se esses mesmos dogmas fossem ensinados desta maneira, encontrariam bem menos incrédulos e que, portanto, devendo a religião ganhar com essa aliança, dia virá em que, pela força das coisas, o Espiritismo estará na religião, ou a religião no Espiritismo.

Parece difícil que, após a leitura desse pequeno livro, aqueles cujos escrúpulos religiosos ainda afastam do Espiritismo, não sejam levados a uma apreciação mais sã da questão. Ademais, há um fato evidente: as ideias espíritas marcham com tal rapidez que, sem ser adivinho nem feiticeiro, pode-se prever o tempo em que serão tão gerais que, bom ou mau grado, é preciso contar com elas. Elas conquistarão direito de cidade, sem haver necessidade da permissão de ninguém, e dentro em pouco se reconhecerá, se ainda não se fez, a impossibilidade absoluta de lhe deter o curso. As próprias diatribes lhes dão um impulso extraordinário, e não se poderia crer no número de adeptos que o Sr. Louis Figuier fez, sem o querer, com a sua *Histoire du merveilleux* (História do maravilhoso), em que pretende tudo explicar pela alucinação, enquanto, em definitiva, nada explica, porque, tendo por ponto de partida a negação de toda força fora da Humanidade, sua teoria material não pode resolver todos os casos. As zombarias do Sr. Oscar Comettant não são racionais: ele provocou risos, mas não à custa dos espíritas. O imprudente e grosseiro artigo da *Gazette de Lyon* só fez mal a ela mesma, pois todos o julgaram como mereceu. Após a leitura da brochura de que falamos, que dirão os que ainda ousam insinuar que os espíritas são ímpios, e que sua doutrina ameaça a religião? Eles não percebem que ao dizer isso fariam crer que a religião é vulnerável; ela seria bem vulnerável, com efeito, se uma utopia, pois segundo eles isto é utopia, pudesse comprometê-la. Não receamos dizer que todos os homens sinceramente religiosos, e entendemos assim os que o são mais pelo coração do que pelos lábios, reconhecerão no Espiritismo uma manifestação divina, cujo objetivo é reavivar a fé que se extingue.

Recomendamos com instância essa brochura a todos os nossos leitores, e cremos que estes farão uma coisa útil, procurando propagá-la."

CARTA DE UM CATÓLICO SOBRE O ESPIRITISMO

Um de meus amigos um dia me endereçou as seguintes reflexões sobre o Espiritismo, sob um ponto de vista religioso:

“Escutei com bem vivo interesse o resumo que tiveste a bondade de fazer-me da Doutrina Espírita.

Não sou desses que negam brutalmente os fatos; o pouco que me basta, e se o dogma da imortalidade da alma não tivesse sido aceito desde muito tempo pela minha razão e minha fé, os fenômenos, na verdade pouco numerosos, dos quais fui testemunha, bastariam para dissipar todas as minhas dúvidas. Todavia, se me é demonstrado que a morte não é senão a passagem da vida corporal à vida espiritual, nada ainda me autoriza a considerar as relações espíritas como emanando de Espíritos aos quais possais atribuir legítima confiança.

Nós levamos, ambos, o nome de católicos, e eu dificilmente compreendo como vossas crenças religiosas concordam com vossas crenças espíritas.

Contrariando-vos um pouco em vossas ideias novas, direi que minha fé me é suficiente, e que não me sinto atraído a colocar o pé numa via que me parece cheia de perigos.

Sabeis melhor que eu com que curiosidade e frequentemente com que entusiasmo as classe mais inteligentes da sociedade se entregaram, há alguns anos, às experimentações espíritas; conheceis os resultados. Ao lado de algumas manifestações respeitáveis houve coisas tão revoltantes, que muitas pessoas honestas, pessoas piedosas principalmente, ficaram apavoradas e acreditaram que o Espiritismo todo fosse obra do demônio.

Mal tolerados pela Igreja, formalmente condenados pelos padres e os bispos, as experimentações continuam em algumas sociedades pouco numerosas, em alguns salões, em círculos íntimos, e dois jornais na França entretêm o público com esses fatos misteriosos.

Vós me enviastes brochuras e alguns desses jornais. Constatei numerosas contradições, e achei interessante certo número de comunicações; outras me pareceram pueris, e outras, enfim, são para mim anti-cristãs.

Em meio a esses fatos, que estão longe de concorrer para o estabelecimento de uma mesma doutrina, parece-me muito difícil apreender a verdade e afastar o erro; e confesso que me encontro, até nova ordem, muito à vontade em minha fé católica do que numa doutrina absolutamente desprovida dessa autoridade que faz a base e a beleza do cristianismo.

Certamente não chegarei a ponto de dizer que sois todos joguetes de Satã, mas muito sinceramente confesso que vejo nessas práticas um sério perigo para nossas almas; elas me parecem inconciliáveis com a fé católica, donde estou disposto a concluir que elas são destinadas sobretudo a perturbar as consciências e inquietar os sentimentos religiosos.

Entretanto, ficaria feliz se pudésseis dissipar essas nuvens, pois, convenho, o pouco que vi me inspira um vivo desejo de ver ainda, e certos pontos de vossa doutrina deleitaram-me.

Tranquilizai minha fé que se inquieta, e eu continuarei com ardor um estudo tão agradavelmente começado convosco.”

Eu já havia feito essas reflexões a mim mesmo, mas elas deveriam ceder, pensava eu, ante a evidência e o raciocínio, pois ante fatos comprovados toda oposição deve inclinar-se, e é preciso aceitá-los com suas consequências, salvo por uma teimosia que acaba por se tornar ridícula.

Tanto para satisfazer ao desejo de meu amigo, quanto para esclarecê-lo e acalmar escrúpulos que não me pareciam de modo algum fundados, resumirei minha resposta na carta seguinte, que vai acompanhada dos desenvolvimentos que fazem o objeto deste opúsculo, destinado a mostrar que a religião, longe de ter algo a perder, tem tudo a ganhar com a propagação do Espiritismo.

Senhor e muito honrado amigo,

Compreendo e respeito vossos escrúpulos, e começarei por uma reflexão que provavelmente vos deixará confortado. Se sois verdadeiramente católico, se amais e praticais vossa religião, não sois daqueles para os quais Deus julgou por bem renovar as maravilhas dos primeiros dias.

O que pediríeis ao Espiritismo? A fé? Já a tendes. O ensinamento de vossos deveres? Vós os conheceis. Uma apreciação mais perfeita de vossos destinos? Vossa religião já vos esclareceu o bastante. Não vejo então, em definitivo, que bem vós, pessoalmente, poderíeis retirar do estudo e da prática do Espiritismo.

Entretanto uma coisa me toca dizer: é que é importante que os homens religiosos não vejam um perigo numa ordem de fenômenos chamados, se não me engano, a salvar a sociedade.

Então, se as manifestações espíritas não vos são necessárias, sua justa apreciação vos é indispensável, ainda que para vos impedir de colocar entraves à propagação de uma verdade tão importante.

Dissestes haver lido nos textos espíritas coisas pueris e anti-cristãs, e isso vos fez desconfiar da autoridade de nossas comunicações.

Refletistes bem sobre a puerilidade dessa objeção? Se supusésseis que toda palavra emanada de um Espírito é aceita por nós como uma palavra divina, estaríeis extremamente enganado. Nós não cessamos de dizer que em todas as práticas do Espiritismo faz-se necessária uma grande prudência, e se tem um apelo que jamais deve deixar de ser feito à nossa razão e à nossa inteligência, é quando se trata de apreciar o valor das comunicações obtidas.

O que as pessoas estranhas aos nossos trabalhos parecem ignorar, é o dever estrito de distinguir muito bem os diversos Espíritos que se colocam em relação conosco.

O ponto capital da doutrina é precisamente essa distinção, e notai bem, meu amigo, que nisso nós obedecemos os ensinamentos dos Apóstolos e dos Pais da Igreja. Todos reconhecem que os homens podem se colocar em comunicação com bons ou maus Espíritos. Os textos são muitos, e São João, em sua primeira epístola, expõe categoricamente os meios certos de reconhecer todo Espírito que vem de Deus. Os démonophobes¹ dos nossos dias não tomam esse cuidado: sua reprovação é absoluta.

Ímpia ou edificante, toda comunicação espírita é por eles amaldiçoada. Da parte de sua autoridade, as mais admiráveis graças de Deus são declaradas obras do diabo, e nosso Pai celeste se deparou com homens que têm a pretensão de colocar limites à sua bondade e à sua onipotência.

Eu desafio o cristão mais escrupuloso a dizer que não se edificou com certas comunicações dadas pelos Espíritos elevados, abstração feita da fórmula da evocação.

Segue-se que, nessas circunstâncias, nosso crime ou nossa impiedade está em nossas preces, em nossas ardentes súplicas a Deus, para que nos permita receber da boca dos Anjos as lições de que temos necessidade; assim, o ato mais piedoso se torna para o demoníaco uma profanação indigna! Em verdade, pode a imaginação sonhar algo de mais insensato?

Tal série de comunicações poderia adornar os mais piedosos livros, e não estragaria o Evangelho, nem o Imitação de Jesus Cristo, nem os escritos dos Pais mais venerados: não importa, que sejam malditas!

Descrentes obtêm a fé, ímpios se convertem, vidas escandalosas são repentinamente substituídas por existências votadas à caridade e à prece, tanto pior: essas conversões são obra do diabo!

Tantas coisas insensatas não seriam debitadas contra o Espiritismo, se simplesmente se apreciassem os Espíritos como se apreciam os homens. Se distinguis

¹ Que tem fobia do demônio. (N.T)

aqui na terra os bons e os maus por suas ações e sua linguagem, por que não distinguiríeis os Espíritos por seus conselhos e por sua influência?

Não é monstruoso chamar Demônio um Espírito que vos conclama a vos tornardes melhor?

Não esqueçais, pois, jamais essa verdade dominante do Espiritismo: há bons Espíritos, mas também os há maus.

Se não tiverdes em vossas experimentações nem fervor, nem respeito, nem piedade, entrareis numa via deplorável. Abrireis a porta a seres perversos; mesmo no além-túmulo sereis juguete das almas que, no mundo dos Espíritos como na Terra, se comprazem no mal, e não têm outro objetivo, nem outro desejo, senão o de vos corromper, vos degradar e vos tornar semelhantes a eles.

Prevenido contra o perigo, abordaríeis tremendo esses formidáveis fenômenos; mas, ajudado pela prece tomareis com felicidades a vossa parte da verdade nova.

Mas sois católico sincero, e os Espíritos, eu o repito, nada têm a vos ensinar sobre vossos deveres; e sobre vossos destinos nada que a religião já não vos tenha ensinado. Permiti-me, no entanto, uma simples questão.

Quantos católicos sinceros, fervorosos e praticantes podeis contar na França? E agora, quantos materialistas, ateus, panteístas, libertinos, ímpios, indiferentes, etc.? Sobre que ladeira desliza nossa sociedade egoísta, corrompida, presa à matéria e por ela dominada? Para onde nos levam essas baixas paixões, essa sede de ouro, esse ardor pelos prazeres dos sentidos que agitam e atormentam os homens, desde o mais alto cume até as profundezas mais perdidas do mundo social? De onde vêm essas tendências materiais, senão das doutrinas materialistas que se infiltram na sociedade?

Não é preciso um poder sobre-humano para nos arrancar dessas lamentáveis degradações?

Esse poder é o Espiritismo. Quando a voz dos homens não é mais ouvida, quando a voz de vossos pastores se perde no vazio, é preciso que vozes do alto se façam ouvir, e, como sempre, é ainda Deus que deve nos salvar.

Então, meu caro amigo, se eu desejo vos ver participar de nossos trabalhos, é menos para vos mostrar as maravilhas que devem regenerar o mundo, do que para afastar de vossa alma esse infeliz pensamento de que toda comunicação com os Espíritos é uma coisa ímpia; é menos para pedir a vós, ou aos que vos imitam, para concorrer ao nosso apostolado, do que para obter uma apreciação mais justa, mais lógica e mais caridosa de nossos trabalhos e de nossa doutrina.

Podemos atingir esse objetivo? Ouso apenas esperar. Eu conheço o poder do preconceito. Entretanto, o interesse com o qual muitas vezes me haveis escutado me autoriza a pensar que vós, pessoalmente, ler-me-eis com benevolência.

Essas humildes páginas não se dirigem aos nossos adversários da véspera, seu tema está feito; eles se agarrarão tão bem às suas obstinações que os mais notáveis milagres não os converteriam. Contudo, penso nos adversários do dia seguinte. Reunir à nossa jovem família os bons e fiéis cristãos seria para nós uma grande felicidade! Isso traria maior resultado do que prevenir sua hostilidade!

Igualmente, malgrado minha insuficiência, tento piedosamente um esforço que suplico ao Céu que bendiga.

Lede, pois, meu amigo, essas poucas páginas que vos dirijo, e dizei se tenho razão de protestar contra vossos escrúpulos.

Vosso devotado,

A. GRAND,
Doutor em Medicina.

I

Quando, pela primeira vez, ouvi falar dos Espíritos batedores, sacudi os ombros. Eu estava na América, e logo tive ocasião de assistir algumas experiências; vi mesas girar; vi mesas se balançar ao comando de certos personagens chamados médiuns, e não tive nem mesmo a satisfação de achar aquilo aprazível. Vi naquilo um divertimento pueril, mais cheio de estupidez do que de loucura, e minha incredulidade não foi, nem por um instante, abalada.

Muitos anos depois, o acaso colocou-me nas mãos o livro do Sr. de Mirville. Eu o li com interesse; li-o uma segunda vez, e diante de uma imponente massa de fatos tão bem observados, tão bem analisados, tão perfeitamente autênticos, não poderia me restar nenhuma dúvida. Entretanto, pela especialidade de meus estudos, pelos trabalhos de minha profissão, pelo meu gosto das ciências positivas, seguramente eu pertencia à categoria dos céticos. Mas que negação se poderia opor contra fatos comprovados?

A dificuldade, para mim, não era aceitar as narrativas do Sr. de Mirville, era interpretá-las. Em minha qualidade de católico, deveria estar disposto a concluir como ele; mas se as pretensas manifestações diabólicas algumas vezes se apresentam em circunstâncias assustadoras, frequentemente revestem caracteres tão fantásticos, tão grotescos, tão pueris, que intuitivamente eu buscava alhures a interpretação desses surpreendentes fenômenos.

Enfim, colocaram-me sob os olhos o *Livro dos Espíritos* publicado pelo Sr. Allan Kardec. Esse livro era a contrapartida daquele do Sr. de Mirville, mas com a diferença capital de que, em vez de atestar somente a existência dos bons Espíritos e suas manifestações exclusivas, ele estudava os fatos mais dessemelhantes, examinava todas as comunicações, tivessem elas caráter diabólico ou divino, e provava que, em seu conjunto,

elas concorriam do mesmo modo para formar uma doutrina admirável, de lógica, de sabedoria e verossimilhança. Foi para mim um raio de luz.²

Era a luz, e no entanto ainda não era a convicção. Efetivamente, para mudar em certeza absoluta essa sedutora probabilidade, para ter uma fé inquebrantável, não era

² Lendo esta obra sente-se que o autor fala, não apenas como homem convicto, mas como homem de experiência que a tudo observou com uma perfeita independência de ideias. Tudo ali é discutido friamente, sem exageração. Todas as consequências ali são deduzidas de argumentos tão justos que se poderia dizer que a filosofia ali é tratada matematicamente. Quando mais tarde tive a ocasião de ver o Sr. Allan Kardec, e de ler seus outros escritos, reconheci que estava ali o fundo de seu caráter e o que era próprio de seu espírito. É um homem essencialmente positivo, que não se emociona com nada, e discute os fenômenos mais extraordinários com tanto sangue frio como se se tratasse de uma experiência comum. 'Para se apreciar de maneira correta as coisas, disse ele, é preciso observar sem entusiasmo, pois o entusiasmo é fonte da ilusão e de muitos erros.' Ele discorre sobre as coisas do outro mundo como se as tivesse sob os olhos, e no entanto ele não fala delas como inspirado, mas como daquilo que existe de mais natural no mundo. Ele no-las torna, por assim dizer, palpáveis, pois possui, sobretudo, a arte de fazer compreender as coisas mais abstratas; é, pelo menos, a impressão que senti ao ouvi-lo falar, e que muitas outras pessoas, como eu, também sentiram. O caráter dominante de seus escritos é a clareza e o método; se a isto ajuntarmos um estilo que permite lê-los sem fadiga, ao contrário da maioria das obras de filosofia, que exigem penosos esforços para serem compreendidas, não se ficaria admirado pela influência que seu estilo exerceu sobre a propagação da Doutrina Espírita.

A esta explicação, que em poucas palavras julguei importante dar, acrescentarei uma simples observação sobre uma das causas que, na minha opinião, contribuíram poderosamente para dar o crédito de que gozam as obras do Sr. Allan Kardec: é a ausência de todo sentimento de aspereza para com seus adversários. Um homem não se coloca em evidência, como ele o fez, sem suscitar muitos ciúmes, muita animosidade; entretanto, em nenhuma parte se encontra o mínimo traço de rancor ou de malevolência, a mínima recriminação endereçada àqueles dos quais ele poderia se queixar. Desde a minha iniciação no Espiritismo tenho frequentemente tido a ocasião de vê-lo na intimidade, e posso dizer que jamais o vi se preocupar com seus detratores; é como se eles não existissem. Ora, confesso que o caráter do homem não contribuiu pouco para corroborar a opinião que eu tinha concebido em favor da Doutrina, quando li seus escritos. É evidente que se eu tivesse reconhecido nele um homem ambicioso, intrigante, ciumento e vingativo, teria dito que ele mentia aos princípios que professa, e desde então minha confiança na verdade dessa Doutrina teria sido abalada.

Essas reflexões, em forma de parênteses, me pareceram úteis para motivar uma das causas que mais fortemente me levaram a prosseguir, com comprometimento, meus estudos espíritas.

Uma outra circunstância, não menos preponderante, vem se juntar às demais e me explicar, ao mesmo tempo, a profunda indiferença do autor para com as diatribes de seus antagonistas. Eu estava um dia na casa dele no momento em que ele recebia sua correspondência, muito numerosa como de hábito. Encontrava-se ali um jornal em que notadamente o Espiritismo e ele próprio eram amplamente escarnecidos. Havia também muitas cartas que ele leu igualmente para mim, dizendo: 'Ireis agora ver a contrapartida, e podereis julgar o que é o Espiritismo.' Entre as cartas, algumas eram pedidos de conselhos sobre os atos mais íntimos e frequentemente os mais delicados da vida privada. A maioria continha a expressão de indizível felicidade, do reconhecimento mais tocante pelas consolações que se havia encontrado na Doutrina; pela calma que ela havia proporcionado; pela força que ela havia dado nas circunstâncias mais afligentes; pelas boas resoluções que havia feito tomar. 'O que vedes aqui, me disse ele, se renova quase diariamente. Os autores dessas cartas me são, na sua maioria, desconhecidos, mas eis aqui um, e eu conheço muitos que estão na mesma situação, que sem o Espiritismo se teriam suicidado.

Acreditais que a satisfação de ter arrancado homens ao desespero, ter trazido a paz a uma família, feito pessoas felizes, não me compensa largamente por algumas pequenas e tolas críticas da parte de pessoas que falam de uma coisa sem a conhecer? Acreditais que uma só dessas cartas não compensam, de sobra, algumas maldades das quais fui alvo? Aliás, teria eu tempo de me ocupar com aqueles que zombam? Eu prefiro, bem mais, dar meu tempo àqueles a quem eu posso ser útil. Não tenho somente para mim a consciência de minhas boas intenções; Deus, em sua bondade, reservou-me um gozo bem maior, que é o de ser testemunha do bem que a Doutrina Espírita produz; e eu julgo, pelo que vejo, sobre a influência que ela exercerá quando estiver generalizada. Não se trata de uma utopia, pois ela é essencialmente moralizadora; vede por vós mesmo a reforma que ela opera sobre os indivíduos isolados; o que ela faz sobre alguns, o fará sobre cem, sobre mil, sobre um milhão, pouco a pouco, compreende-se.

Ora, supondes uma sociedade penetrada dos sentimentos do dever que vedes expressos nessas

suficiente só simpatizar com a doutrina; era preciso que o testemunho dos sentidos apoiasse o assentimento da razão. Ora, eu nada tinha visto; mas após a leitura do *Livro dos Espíritos*, não pude afastar uma necessidade invencível de conhecer. Li ainda, vi médiuns escreventes, e alguma coisa sempre faltava para a minha convicção. Pude, então, assistir, em algumas reuniões íntimas, a evocação de um Espírito que respondia por batidas inteligentes. Aquela encantadora prova não se apagará jamais de minha memória. Que indizível emoção quando, após os primeiros golpes ouvidos, e como para responder minhas exclamações de surpresa e alegria, o Espírito compôs, por meio de batidas, a seguinte frase:

“Coragem! mesmo após um milagre; pois os incrédulos vos expulsarão, como os judeus expulsaram o cego de nascença de São João Batista.” (Evangelho de São João, cap. IX.)

Entretanto, uma alegria bem maior me era reservada. Pude ver em minha casa, com a frequência que desejasse, manifestações idênticas às que me haviam tão profundamente emocionado. Desde então meu coração provou uma imensa felicidade. A imortalidade da alma, essa verdade antes apoiada somente na fé religiosa, tomou de repente o caráter de uma realidade material, tangível, e perfeitamente apreciável pelos sentidos. Tal foi o efeito de nossas piedosas comunicações. As perturbações da fé, as pungentes incertezas do futuro, o temor do último dia, dissiparam-se como por encanto, e o pensamento da eternidade, acompanhado até então de um vago sentimento de terror, será doravante um pensamento feliz, como a posse de um tesouro definitivamente adquirido.

Uma satisfação mais completa ainda, se isso é possível, foi constatar mil pontos de contato entre a doutrina nova e o Cristianismo. Os dois ensinamentos pareciam confundir-se. O sentimento religioso despertou em minha alma; penetrado de reconhecimento pelas graças com que o Mestre divino me havia cumulado, eu o bendisse, e o amei com um amor que jamais havia conhecido. Foi então que escrevi a carta seguinte, publicada pelo Sr. Allan Kardec na Revista Espírita do mês de agosto de 1860, sob o título: *Concordância espírita e cristã*:

Ao Sr. Allan Kardec, Presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Sr. Presidente,

Desejando vivamente fazer parte da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, mas forçado a deixar a França em breve, venho solicitar a honra de ser aceito como membro correspondente. Tenho a vantagem de ser conhecido pessoalmente por vós, e

não necessito dizer-vos com que interesse e simpatia acompanho os trabalhos da Sociedade. Li vossas obras, bem como as do Barão de Guldenstubbe, e conheço, por conseguinte, os pontos fundamentais do Espiritismo, de qual adoto os princípios tais quais vos são ensinados. Como protesto aqui a minha firme vontade de viver e de morrer cristão, esta declaração me leva a vos fazer minha profissão de fé, e vereis talvez com algum interesse como minha fé religiosa acolhe muito naturalmente os princípios do Espiritismo. Eis, segundo eu, como se aliam as duas coisas:

1. Deus: criador de todas as coisas.
2. Objetivo e fim de todos os seres criados: concorrer para a harmonia universal.
3. No Universo criado, três reinos principais: o material ou inerte; o orgânico ou vital; o intelectual e moral.
4. Todo ser criado está submetido a leis.
5. Os seres compreendidos nos dois primeiros reinos obedecem submissamente, e por eles a harmonia jamais é perturbada.
6. Como os dois primeiros, o terceiro reino está submetido a leis, mas goza do singular privilégio de poder subtrair-se a elas e possui a terrível faculdade de desobedecer a Deus: é o que constitui o livre-arbítrio. O homem pertence simultaneamente aos três reinos: é um Espírito encarnado.
7. As leis que regem o mundo moral estão formuladas no Decálogo, mas se resumem neste admirável preceito de Jesus: Amai a Deus sobre todas as coisas e ao vosso próximo como a vós mesmos.
8. Toda derrogação da lei constitui uma perturbação na harmonia universal. Ora, Deus não permite que tal perturbação persista e a ordem deve ser inevitavelmente restabelecida.
9. Existe uma lei destinada à reparação da desordem no mundo moral, e essa lei está inteira nesta palavra: expiação.
10. A expiação efetua-se: 1º - pelo arrependimento e os atos de virtude; 2º - pelo arrependimento e as provas; 3º - pela prece e as provas do justo, unidas ao arrependimento do culpado.
11. A prece e as provas do justo, embora concorram da maneira mais eficaz para a harmonia universal, são insuficientes para a expiação absoluta da falta. Deus exige o arrependimento do pecador, mas com esse arrependimento, a prece do justo e sua penitência em favor do culpado bastam à eterna justiça, e o crime é perdoado.
12. A vida e a morte de Jesus põem em evidência esta adorável verdade.

13. Sem livre-arbítrio não há pecado, mas também não há virtude.
14. Que é a virtude? A coragem no bem.
15. O que há de mais belo no mundo não é, como disse um filósofo, o espetáculo de uma grande alma lutando com a adversidade; é o esforço perpétuo de uma alma progredindo no bem e elevando-se de virtude em virtude até o Criador.
16. Qual a mais bela de todas as virtudes? A Caridade.
17. Que é a caridade? É o atributo especial da alma que, em suas ardentes aspirações para o bem, se esquece de si mesma e se consome em esforços pela felicidade do próximo.
18. O saber está muito abaixo da caridade; ele nos eleva na hierarquia espírita, mas não contribui para o restabelecimento da ordem perturbada pelo maldoso. O saber nada expia, nada resgata, em nada influi sobre a justiça de Deus. A caridade, ao contrário, expia e apazigua. O saber é uma qualidade; a caridade, uma virtude.
19. Ao encarnar os Espíritos, qual foi o desígnio de Deus? Criar, para uma parte do mundo espiritual, uma situação sem a qual não existiria nenhuma das grandes virtudes que nos enchem de respeito e de admiração. Com efeito, sem o sofrimento não há caridade; sem o perigo não há coragem; sem a desgraça não há devotamento; sem a perseguição não há estoicismo; sem a cólera não há paciência, etc. Ora, sem a corporeidade, com o desaparecimento desses males, desapareceriam essas virtudes.

Para o homem um pouco desprendido dos laços da matéria, neste conjunto de bem e de mal há uma harmonia, uma grandeza de ordem mais elevada que a harmonia e a grandeza do mundo exclusivamente material.

Isto responde em poucas palavras às objeções baseadas na incompatibilidade do mal com a bondade e a justiça de Deus.

Seriam necessários volumes para desenvolver convenientemente essas diversas proposições. Mas o objetivo desta comunicação não é oferecer à Sociedade uma tese filosófica e religiosa. Eu quis apenas formular algumas verdades cristãs em harmonia com a Doutrina Espírita. Do meu ponto de vista, essas verdades são a base fundamental da religião e, longe de enfraquecer-se, elas se fortificam com as revelações espíritas. Também não hesito em formular uma censura; é que os ministros do culto, enceguecidos pela demonofobia, se recusem a esclarecer-se e condenem sem exame. Se os cristãos abrissem os ouvidos às revelações dos Espíritos, tudo quanto, no ensino religioso, perturba os nossos corações ou revolta a nossa razão, desvanecer-se-ia de repente. Sem se modificar em sua essência, a religião alargaria o círculo de seus dogmas e os lampejos

da verdade nova consolariam e iluminariam as almas. Se, como diz o Pe. Ventura, é certo que as doutrinas filosóficas ou religiosas acabam invencivelmente por se traduzirem nos atos ordinários da vida, é bem evidente que uma nação iniciada no Espiritismo tornar-se-ia a mais admirável e a mais feliz das nações.

Dir-se-á que uma sociedade verdadeiramente cristã seria perfeitamente feliz. Concordo. Mas o ensinamento religioso tanto se faz pelo terror quanto pelo amor, e os homens, dominados por suas paixões, querendo a todo preço libertar-se dos dogmas que os ameaçam, serão sempre tão numerosos que o grupo dos cristãos firmes constituirá sempre pequena minoria. Os cristãos são numerosos, mas os verdadeiros cristãos são raros.

Não acontece assim com o ensino espírita. Embora sua moral se confunda com a do Cristianismo e pronuncie, como esse, palavras cominatórias, ele tem ricos tesouros de consolação. Ele é, ao mesmo tempo, tão lógico e tão prático; lança uma luz tão viva sobre o nosso destino; afasta tão bem as obscuridades que perturbam a razão e as perplexidades que atormentam os corações, que na verdade parece impossível que um espírita sincero negligencie um só dia trabalhar o seu progresso e, assim, não concorra para restabelecer a harmonia perturbada pelo desbordamento das paixões egoísticas e cúpidas.

Pode-se pois afirmar que propagando as verdades que temos a felicidade de conhecer, trabalhamos pela Humanidade e nossa obra será abençoada por Deus. Para que um povo seja feliz, é necessário que o número dos que querem o bem, que praticam a lei da caridade, supere o dos que querem o mal e só praticam o egoísmo. Creio em minha alma e tenho consciência de que o Espiritismo, apoiado no Cristianismo, é chamado a operar esta revolução.

Penetrado de tais sentimentos e querendo, na medida de minhas forças, contribuir para a felicidade de meus semelhantes, ao mesmo tempo que busco tornar-me melhor, peço, Sr. presidente, para fazer parte de vossa Sociedade.

Aceitai, etc.

O Sr. Allan Kardec acrescentou a esta carta as seguintes reflexões:

“Esta carta não tem necessidade de comentários e cada um apreciará o alto alcance dos princípios que nela são formulados de uma maneira ao mesmo tempo tão profunda, tão simples e tão clara. São esses os princípios do verdadeiro Espiritismo; esses que certos homens ousam pôr em ridículo, pois pretendem o privilégio da razão e do bom-senso, por não saberem se têm alma e não fazerem diferença entre o seu futuro e o de uma máquina. Apenas uma observação acrescentaremos: é que o Espiritismo bem compreendido é a salvaguarda das ideias verdadeiramente religiosas que se extinguem;

que contribuindo para o melhoramento dos indivíduos, ele trará, pela força das coisas, o melhoramento das massas, e que não está longe o tempo de os homens compreenderem que nesta doutrina encontrarão o mais fecundo elemento da ordem, do bem-estar e da prosperidade dos povos. E isto por uma razão muito simples: é que ela mata o materialismo, que desenvolve e alimenta o egoísmo, fonte perpétua de lutas sociais, e lhe dá uma razão de ser. Uma Sociedade cujos membros fossem todos guiados pelo amor ao próximo; que inscrevesse a caridade no alto de todos os seus códigos, seria feliz, e em breve veria apagam-se os ódios e as discórdias. O Espiritismo pode realizar este prodígio e o fará, a despeito dos que ainda o agridem, porque os agressores passarão, mas o Espiritismo permanecerá.

Essa apreciação tão benevolente do Sr. Allan Kardec deterá as objeções, principalmente do ponto de vista dogmático. Tratemos de os prevenir.

Contatamos inicialmente que essa doutrina não é uma obra humana. Ao considerá-la como sistema filosófico, este sistema se apresenta com um caráter de grandeza e de lógica digno do mais precioso exame; mas o que lhe dá uma autoridade toda particular é sua origem, é sua revelação. Entretanto, é preciso dar-se conta dos fatos maravilhosos que a apoiam. O incrédulo pode zombar, mas aquele que viu não pode descartar esses surpreendentes fenômenos: é preciso contar com eles. Fugir deles, é possível; impedi-los de existir, eis o que não podem nem a incredulidade, nem a zombaria, nem o desdém. Uma realidade poderosa se ergue diante de nós; não se pode afastar essas coisas como se afasta um frívolo pensamento; e uma vez que o mundo dos Espíritos se revela, uma vez que vozes do além-túmulo se fazem ouvir, não é lícito tapar os ouvidos; é preciso escutar, é preciso responder.

Entre os homens que se atribuem, sem rir, o título de sábios, alguns, forçados a render-se à evidência, dignaram-se a convir que havia alguma coisa; e como necessitavam de uma explicação, eles buscaram, mas não encontraram, em não sei que teorias elétricas ou magnéticas, questionáveis, talvez numa conversação leviana, mas muito evidentemente filhas da fantasia para obter direito de entrada complacente nos livros científicos.

De uma vez por todas, terminemos com essas objeções pueris. Aos que querem encontrar obrigatoriamente no magnetismo ou na eletricidade o que ali não está, o que não poderia ali estar, diremos que nas comunicações com os Espíritos, as respostas obtidas longe de serem um reflexo do pensamento de um ou de vários assistentes, são muito frequentemente, não somente inesperadas, mas em oposição formal com as ideias do círculo do evocador.

Muitas vezes eu fui testemunha do seguinte fato: uma comunicação começada por uma ou muitas frases em língua francesa, terminava com palavras estrangeiras, frases em inglês, alemão, latim, árabe, incompreensíveis aos evocadores e cuja tradução, por necessária, o Espírito se apressava a dar. Obtive endereços que não conhecia, informações cuja exatidão não se poderia verificar senão muitos dias depois; vi produzir-se a escrita direta³ igualmente em várias línguas.

Em presença de tais fatos, que dirão os amadores de magnetismo e de eletricidade? Que não é verdade?... muito bem; e se for verdade?... é preciso convir que aqui a ciência está doravante fora de causa. Para mim, o fato das comunicações de além-túmulo é incontestável; para mim não se trata de um sistema, de uma teoria, é resultado da experiência, e afirmo que para se convencer é preciso apenas um pouco de boa-vontade, e principalmente de boa-fé.

Pois bem! Uma vez que esses fatos são adquiridos, uma vez que seu número é ilimitado, uma vez que o caráter das testemunhas, sua honradez, seu saber, desafiam as mais malevolentes apreciações; uma vez que a negação de um fato não o infirma, se ele apoia sobre provas irrecusáveis, deixemos os cétricos deleitarem-se em sua incredulidade, e coloquemos a questão sobre seu verdadeiro terreno. Esse terreno é o da religião.

3. A escrita direta, esse magnífico fenômeno, foi obtida muitas vezes desde o ano 1856. O Sr. barão de Guldenstubbé publicou a esse respeito um livro muitíssimo interessante. Desde então se viu produzirem-se por outros médiuns, em papéis trazidos pelos assistentes e simplesmente colocados sobre um móvel, tomando-se todas as precauções necessárias para assegurar-se da realidade do fato. Eu mesmo a obtive em circunstâncias que não podem deixar nenhuma dúvida. Esse fenômeno é, sem contradita, um dos que a charlatanice poderia mais facilmente explorar; por isso a necessidade de se conduzir com bastante prudência.

A produção desse fenômeno exige um profundo recolhimento, e sobretudo um médium dotado de uma faculdade especial para esse efeito.

II

O Espiritismo é religioso ou antirreligioso?

Tem ele extinguido a fé de um cristão, ou a tem algumas vezes reanimado?

É ele corruptor ou moralizador?

Melhora os corações ou os torna maus?

Leva perturbação ou a consolação às almas? etc., etc.

Colocar essas questões é quase resolvê-las.

Examinemos, entretanto, e vejamos se as acusações formuladas contra o Espiritismo são seriamente motivadas.

Um fato bem marcante, é que podemos resolutamente propor aos nossos detratores o desafio de citar um cristão, católico ou protestante, desviado pelos Espíritos de seus deveres religiosos; enquanto se conta por milhares os corações reconduzidos a Deus, as conversões, os retornos à fé, as reconciliações, os ódios aplacados, os desesperos acalmados, transformações realizadas em almas ontem perversas, hoje piedosas e melhoradas. Singular influência de uma coisa má! Em verdade, como é possível que práticas sacrílegas produzam esses maravilhosos resultados?

O Sr. de Mirville, já citado, escreveu, para a Academia de ciências, um grosso livro que, muito provavelmente, não chegou ao seu destino. Ele nada perdeu com isso; o público o acolheu favoravelmente e seus numerosos leitores nele encontraram um interesse inexplicável. Esse livro contém a relação de um grande número de fatos bem observados e sobretudo perfeitamente autênticos. As provas da intromissão de maus Espíritos nas coisas deste mundo nele tomam um caráter irrecusável, que desafia as mais obstinadas negações; ora, revoltar-se contra uma tal evidência denuncia, certamente, fragilidade e não força de espírito.

Não tive a honra de conhecer o Sr. de Mirville, mas julgando o homem pelas suas obras, julgo que ele é honesto, sincero e profundamente convicto. E, no entanto, encontro em sua obra uma lacuna que precisa ser preenchida. Evidentemente esse livro é incompleto, e o autor foi muito apressado nas conclusões.

Na presença das maravilhas que se multiplicam sob nossos olhos; diante desses fenômenos extraordinários, produzidos, por assim dizer, à vontade, e sem outro instrumento senão a assistência de um médium, pergunta-se como um homem devotado à pesquisa da verdade, colecionou, de caso pensado, todos os fatos favoráveis à sua tese e rejeitou, como inexistentes, todos os que a condenam sem apelação? O Sr. de Mirville é católico; como, então, silenciou ele os inumeráveis fatos que abundam nos anais cristãos, em que a Igreja admite a manifestação dos Espíritos superiores, dos Anjos, dos

Santos, da Virgem, etc.? Tocado, de improviso, por fatos que o apavoraram, decididamente resolveu que esses fatos eram obra do demônio. Ele foi mais longe: sua imaginação tomou impulso e, sem exame, sem discussão, sem estudo, e só pelo fato de ter medo, todas as comunicações espíritas foram declaradas diabólicas e dignas das maldições da Igreja; assim, porque ao penetrar no mundo dos Espíritos, ele encontrou maus, concluiu que todos são maus: é como se, chegando a um país em que se fosse atacado por ladrões, se concluísse que todos os habitantes desse país são bandidos.

Esta conclusão não lhe faz honras. Evidentemente o Sr. de Mirville jamais praticou o Espiritismo, jamais o estudou; de outra forma seria impossível que não tivesse encontrado nos fatos demonstrados, a impotência de sua teoria para os explicar todos. Talvez sua ignorância o desculpe, mas não o justifica.

Seja como for, constantemente legiões de maus Espíritos (digamos, se ele o quer, demônios) se agitam ao nosso redor, de conformidade com o que nos ensina a Igreja; esses Espíritos se comprazem no mal; eles nos espreitam, nos surpreendem, acendem em nossas almas as más paixões, nos penetram algumas vezes, nos possuem, manifestam-se materialmente em certas circunstâncias, por atos, ora grotescos, ora apavorantes. Isto se enquadra perfeitamente à tese do Sr. de Mirville; mas prossigamos.

Os Espíritos nos dizem, ainda, sempre de conformidade com o ensinamento da Igreja, que cada um de nós tem seu bom Anjo, seu Espírito protetor; que um número infinito de bons Espíritos nos cerca, que nos protegem, nos sustentam, nos inspiram bons pensamentos e, se necessário, entram em comunicação direta e tangível conosco. Eles afirmam que fora da vida humana a mãe vela ainda por seu filho, o irmão pelo irmão, o amigo pelo amigo; que as almas que nos foram caras nos amam ainda, e que algumas vezes ficam, invisivelmente, ao nosso lado; que em sua bondade infinita, Deus nos permite receber a prova material dessas tocantes realidades, mas que se ele aprova nossas relações com os bons Espíritos, ele condena as relações com os maus. Em uma palavra, Deus exige, (são sempre os Espíritos que dizem) Deus exige que nossas evocações tenham por único objetivo a melhoria de nossas almas.

Pois bem! Encontra-se no livro do Sr. de Mirville uma linha que faça supor essas consolantes verdades? Eu apelo à razão, à boa-fé, ao simples bom senso; qual é a mais conforme com a bondade e a justiça de Deus: permitir exclusivamente aos demônios multiplicar milagres ao nosso redor para nos enganar e nos perder, ou bem permitir aos homens a faculdade de se comunicar com os Espíritos de além-túmulo, fazendo da preferência de ouvir os Bons uma lei?

O Sr. de Mirville tem razão, é preciso chegar a esta monstruosa afirmação:

Deus, julgando que os homens não se danam tão facilmente, permitiu que o inferno lançasse em nosso meio milhares de demônios, favorecidos pelo dom dos

milagres. A esses demônios tudo é permitido: a mentira, a hipocrisia, a prece, a confirmação do Cristo, a eloquência, a caridade, a mais pura moral, divinos conselhos, todas as qualidades aparente de santidade, e isso para melhor assegurar nossa perda. Os Anjos e os santos podem afligir-se com as armadilhas preparadas para a humanidade, mas Deus não permite que eles intervenham; toda comunicação exterior com os homens lhes é interdita; o Pai, infinitamente bom, infinitamente misericordioso, ordena que isso seja privilégio exclusivo de Satã.

Eu desafio o Sr. de Mirville a provar que esta conclusão não é adequada àquela que resume seu livro. Digamos muito simplesmente que aquilo é absurdo.

Evidentemente, quando o livro das manifestações fluídicas foi publicado, o autor não conhecia a primeira palavra da doutrina espírita. Desde essa época ele provavelmente teve oportunidade de se instruir, e por pouco que tenha aproveitado, por pouco que tenha visto, ele não pode escapar à alternativa seguinte:

Convir que se enganou; ou negar simplesmente os fatos que o condenam.

Negar, é dito logo; mas se as relações contidas em seu livro são autênticas, aquelas que se lhes opõem não o são menos; e se como acadêmico ele negar, em que se tornam suas objurgações aos sábios? Esperamos, pois, que ele não negará, e lhe submetemos, muito humildemente, a seguinte conclusão:

Uma vez que as comunicações que servem de base à doutrina espírita são inexplicáveis pelo sistema do Sr. de Mirville, e os fatos relatados em seu livro, ao contrário, perfeitamente aceitos e explicados pelo Espiritismo, este, pela amplitude de seu quadro, e para encadeamento lógico de seus ensinamentos, melhor se presta à interpretação dos fatos e às exigências da razão.

III

No entanto, não é suficiente desconcertar a demonologia; é preciso ainda provar que o Espiritismo se alia maravilhosamente às ideias religiosas, e concorda sobretudo com as principais verdades do Cristianismo.

Aqui minha tarefa se torna fácil. Em vez de fazer uma longa dissertação teológica, eu deixo a palavra aos Espíritos. As páginas seguintes são a reprodução textual de comunicações espíritas obtidas em condições de autenticidade e da autoridade, por assim dizer, excepcionais.⁴

Recolhidas quase aleatoriamente em volumosos cadernos, essas citações, ainda que pouco numerosas, são suficientes, espero, para lançar uma grande luz sobre a questão da qual nos ocupamos.

Eu sou católico, não ousa dizer fervoroso, mas seguramente sincero. Pois bem! Declaro, malgrado meu, que dúvidas me afligiam, e era em vão que eu buscava nos ensinamentos que me eram dados, nos esclarecimentos que solicitava, respostas concludentes para as fazer cessar. Somente o Espiritismo pôde fortalecer minha fé.

Notar-se-á, como eu mesmo o fiz, que essas comunicações, algumas emanadas de meu Espírito familiar, poderiam, num primeiro momento, levantar algumas objeções; mas lendo-as com cuidado, reflexão, e sem ideias preconcebidas, se apreciará, espero, a pureza da doutrina, a paternal bondade e a sabedoria das advertências, a profundidade dos pensamentos, a austeridade da moral, e sobretudo o sentimento religioso que as caracteriza.

De dois meses para cá, quase todos os dias, temos evocado um Espírito encantador, cuja prudência, sabedoria e admiráveis conselhos frequentemente nos emocionam até as lágrimas. Ele se chama Annette⁵; trata-se de uma pessoa que um de nós conheceu quando viva, e que se compraz em vir ter conosco na intimidade da

⁴ Um grande número de minhas comunicações foram obtidas por golpes. Ainda que a tiptologia dificilmente se preste às dissertações de longo fôlego, esse modo de comunicação com os Espíritos fornece aos experimentadores os melhores elementos de convicção. Assim, em tudo o que temos obtido por esse meio, não há uma letra que não tenha correspondido a um golpe ouvido distintamente pelo grupo de evocadores. Aquelas que atribuo ao meu Espírito familiar e que foram obtidas pela escrita, eram controladas por outros Espíritos por meio de golpes, e, para evitar erros e ilusões, tomei todas as precauções imagináveis. Muitas vezes, quando eu segurava a pluma, as frases eram, por assim dizer, pontuadas por um Espírito por meio de manifestações físicas; golpes bem distintos confirmavam o pensamento e sancionavam a redação, circunstância preciosa que falta à maioria das comunicações escritas por médiuns psicógrafos.

⁵ O Espírito que se comunicou conosco, com esse nome, declarou ser o de uma jovem morta há cerca de 20 anos em Marseille, onde meu amigo Sr. L... a havia conhecido. Ele conservou uma terna e piedosa lembrança dessa jovem pessoa, modelo de virtude, retirada de sua família com a idade de 18 anos. Trata-se de um Espírito familiar.

família. As comunicações se dão, ora pela tipologia, isto é, por pancadas, ora pela escrita ou psicografia.

Entre as numerosas comunicações, os fragmentos seguintes não são os mais interessantes, mas sua ortodoxia lhes dá, creio eu, um grande valor.

Um dia o Espírito escreveu, por pancadas, a seguinte frase:

“Eu estou sempre convosco para vossa melhoria moral; algumas vezes para vossos interesses materiais, jamais por uma curiosidade vã.”

Pergunta: Queres responder-me sobre algumas questões religiosas?

Resposta: - Sim.

P. Faço bem em cumprir meus deveres de católico? R. – Certamente.

P. Devo orar a Jesus? - R. Sim.

P. Com fervor? – R. Sem dúvida.

P. Jesus Salvador? – R. Sim, Jesus Salvador.

Aqui um de nossos amigos, presente na entrevista, faz observar que muito provavelmente o Espírito daria uma resposta análoga, se se tratasse de Maomé. Após uma breve discussão, interpelei Annette.

P. É preciso orar a Maomé? – Nenhuma resposta.

P. Poderias me dizer o que pensas de Maomé? – R. Sim: impostor.

Esse mesmo amigo do qual falei, esforçou-se para demonstrar a possibilidade de triunfar propondo questões aleatórias; perguntou a Annette se ele está no caminho da verdade. – R. Mais ou menos.

P. Devo ir à Alemanha para tentar a aplicação de meu sistema? – R. Baixa preocupação.

P. É possível; mas serei enfim recompensado por meus esforços? – R. Neste mundo, talvez; no outro, certamente não.

Em uma de nossas sessões, minha esposa consultou Annette sobre o livro que lhe convém ler para se melhorar o mais prontamente possível. – R. *L'Imitation de Jésus-Christ*.⁶

P. Que capítulo, mais particularmente? – R. Livro V, cap. III.

P. Algum outro livro? – *Les Méditations* de Bossuet sur l'Évangile.⁷

P. Annette recomenda igualmente ao Sr. de L..., de nós três o melhor dotado de faculdades mediúnicas, a leitura de *L'Imitation de Jésus-Christ*, e designa o capítulo sobre o qual ele deve meditar mais.

⁶ *Imitação de Jesus Cristo*. (N.T)

⁷ *As Meditações* de Bossuet sobre o Evangelho. (N.T)

Um dia nós interrogamos Annette sobre a autenticidade de um milagre do qual muito se falou na França, há alguns anos; uma magnífica igreja erguida em memória desse milagre, e dedicada à santa Virgem, tornou-se objeto de peregrinação, e atrai todos os anos uma grande multidão de fiéis.

O Espírito respondeu:

“No princípio foi uma comédia sacrílega; mas a peregrinação feita de boa-fé é uma obra meritória aos olhos de Deus. As boas preces jamais ficam perdidas.

Em seguida, Annette ditou a seguinte prece para ser escrita sobre o livro de Missa da Sra. de G. B.

“Deus, pai de misericórdia, conheces a fragilidade de meu ser; sois todo indulgência, e eu só fragilidade. Tende compaixão de mim, meu Deus. Eu juro, ao pé de vosso altar, amar meu próximo, assistir os infelizes, e escutar apenas as inspirações de vossos bons Espíritos.”

IV

Os pensamentos seguintes foram extraídos de diversas comunicações dadas pelo mesmo Espírito:

“Não lamenteis a vida; o mundo em que eu estou é menos triste que o vosso.”

“Não desconfieis, eu sou puro; eu vos amo, e me identifico com vossas almas.”

“Ficai atentos! Os maus Espíritos não têm a minha linguagem.”

“O divino Salvador é o Filho de Deus; por vós ele morreu na cruz; adorai-o. Orai, pedi à Sua mãe.”

“Amai-vos uns aos outros. Evitai os maus; fugi, mas orai por eles.”

“Consolai-vos, minha querida amiga; Deus vos curará; pedi-lhe; tende confiança nele e no bom doutor que é Seu humilde instrumento.”

Esta última frase foi endereçada a uma jovem senhora atingida por uma enfermidade considerada incurável, se não fosse submetida a uma cirurgia muito longa, muito dolorosa, e raramente coroada de êxito. Hoje tudo nos faz esperar que a cirurgia poderá ser evitada.

Falarei aqui das comunicações de Remy⁸. Esse Espírito foi para nós ocasião de uma bem doce alegria. No princípio, ele manifestou uma profunda tristeza: o infeliz estava persuadido de que seus sofrimentos não teriam termo. Nós o consolamos o melhor que pudemos, e oramos por ele. Um dia ele veio espontaneamente nos dizer esta única frase: “tenho esperança.” Dentro de pouco tempo ele expressou seu reconhecimento por nossas preces, que Deus havia atendido. Atualmente ele é feliz, quase nunca nos deixa, e sempre nos dá provas da mais terna afeição.

Essa felicidade proporcionada a uma alma sofredora, pelas preces de um vivo, é um dos lados mais tocantes do Espiritismo, tanto quando do Catolicismo; e se existe no mundo uma alegria íntima e pura por excelência, certamente é a certeza de ter dado a um Espírito infeliz sua primeira esperança e sua primeira consolação.

⁸ Remy A... falecido há 18 anos, era companheiro de estudos do Sr. de L...

Numa outra reunião à qual frequentemente assisto, um Espírito que se apresenta com o nome de Marie⁹, e que é o Espírito familiar da médium, deu, ora por pancadas, ora pela escrita, numerosas comunicações das quais cito apenas as passagens seguintes:

“Tomai o Evangelho; colhei nesse campo celeste; o Mestre é bom: ele deixará cair de seus feixes divinos as espigas consoladoras que podem nutrir vossa alma, que frutificará e vos dará uma ampla colheita para vos apresentardes diante de seu Pai.”

“Meus amigos, tendes agora sobre a vossa Terra o que foi dito nos Atos dos Apóstolos, cap. 2, versículos 17, 18 e 19.”

“Nos últimos dias eu espalharei meu espírito sobre toda carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, e vossos jovens terão visões.”

“Tende tanta fé quanto o Administrador do qual fala São Mateus, cap. 8, v. 1 a 5, e fareis milagres.”

“Pregai com coragem; não vos desanimeis ante os obstáculos que se opõem à vossa crença; conheceis a incredulidade dos Apóstolos que tocam Jesus.”

“Os que sempre pedem milagres são os judeus; os que opõem sua razão são os gentis; os que creem e que são os loucos são os verdadeiros sábios. S. Paulo aos Coríntios; Ep. 1^a, cap. 1, v. 19 a 25.”

“Muitas pessoas não creem naquilo que seu espírito não compreende; daí, nada de sabedoria e nada de piedade. Eclesiastes, cap. 1, v. 12 e 13; cap. 3, v. 22 a 25.”

“Combatei vossos inimigos pela prece e não pelo escárnio. Moisés venceu Amalec por esse meio e não pelas armas. Judith, cap. 4, v. 13.”

“Refiro-me a essas máximas, ainda que comuns, porque foram dadas por pancadas, e que, por conseguinte, não se poderia atribuí-las ao pensamento do médium; e, por outra, porque essas citações das santas Escrituras, com indicação de capítulos e versículos, provam conhecimentos do Espírito a esse respeito, e a impossibilidade quase material, mesmo para um médium escrevente, de ter todos os números presentes no pensamento, a menos que tivesse uma memória fenomenal, tanto mais quanto essas citações se multiplicam por centenas. Eu sei que se poderá objetar os prodígios da mnemotecnica; mas aqui é o caso de se levar em conta as circunstâncias nas quais se produziram os fatos; ora, eu afirmo que seria suficiente conhecer essas circunstâncias para descartar toda possibilidade de fraude. De resto, eis uma experiência que temos repetido bem frequentemente e que desafia toda suspeita. Um dos assistentes tinha trazido, sem intenção premeditada, um livro cujas páginas ainda não abertas, e que era perfeitamente desconhecido do médium. Perguntamos ao Espírito se ele poderia indicar, primeiro o

⁹ Marie, jovem senhora morta há 9 anos, outrora amiga da senhorita H..., médium que lhe serve de intérprete, e atualmente seu Espírito familiar.

tema do livro, em seguida o assunto tratado em uma determinada página; na página 206, por exemplo; o Espírito citou textualmente o que se encontrava nessa página.

Dir-se-á que houve compadrio? Mas, ainda uma vez, é preciso levar em conta a qualidade das pessoas, as causas que as motivam e as circunstâncias. Se nos mostrassem tais fatos, dirão certos incrédulos, seria preciso render-nos à evidência. Isto não é certo, pois vimos nessa mesma reunião incrédulos obstinados, testemunhas dos fatos mais positivos, levar o ceticismo ao ponto de suspeitar da boa-fé dos assistentes. É verdade que esses indivíduos pertencem à categoria dos que não creem que haja uma alma, ou, pelo menos, dizem não estar certos disso; ora, com tais pessoas, falar dos Espíritos é perda de tempo, pois como o disse com razão o Sr. Allan Kardec: “Não sendo os Espíritos outra coisa senão as almas daqueles que viveram no corpo, aquele que não crê na alma, não pode crer nos Espíritos; aquele que não admite um Espírito em si, não pode admiti-lo fora de si; é em vão que acumulareis diante dele as provas mais palpáveis, ele as negará, ou as explicará conforme suas ideias; não admitindo a causa, não pode admitir as consequências. Com esse é preciso seguir um outro caminho; antes de torná-lo ESPÍRITA, é preciso primeiro torná-lo ESPIRITUALISTA.”

A experiência me demonstrou muitas vezes a verdade dessa asserção; agora eu jamais abordo a questão do Espiritismo sem me assegurar primeiramente se meu interlocutor lhe admite a base, que é a existência da alma. O tempo perdido com certos céticos me parece tempo roubado aos homens de boa vontade, e aos que têm necessidade de consolações.

V

Eis ainda alguns pensamentos ditados pelo mesmo Espírito:

“Tende a fé de São Paulo quando ele fala ao Filipenses sobre seus laços, seu sofrimento, e sobre o combate interior entre viver e morrer.”

“Crede com o coração e não com os sentidos.”

“Aprendeis a amar a Deus e não o temê-lo, pois o amor atrai e o temor afasta.”

“Orai por nós; vossa lembrança nos é agradável. Quando vierdes vos juntar a nós, tereis um cortejo de Espíritos reconhecidos que virão a vós.”

“Orai por nós neste momento; orai por todos. As almas que estão na beatitude verterão esse orvalho divino sobre aqueles que dele necessitam.”

“Para ser agradável aos Espíritos bem-aventurados, orai pelos que sofrem; vossa prece será ouvida pelo Onipotente.”

“Uni-vos pelo coração; a forma é pouca coisa aos olhos de Deus.”

Uma discussão surgiu a respeito dessa frase; um sustenta que ela é anticatólica, outro, com justa razão, afirma que o verdadeiro catolicismo considera o fundo bem acima da forma. Consultado, o Espírito deu razão a este último.

Nessa mesma sessão, o Espírito de Fénelon, consultado sobre as peregrinações, deu a seguinte resposta:

“Se tendes um pedido especial a fazer a um santo, deveis ir ao local consagrado a esse santo. A caminhada empreendida com vistas ao vosso pedido já é uma prece; ela é uma prova da fé que a isso dedicais. Quando o Centurião foi encontrar Jesus, já havia sido atendido antes de pedir; sua marcha havia tocado o Senhor.”

“Que é o homem? Ele entra na vida para dela sair logo. Que aquele que está de pé saiba que pode cair morto, sem outra preparação senão uma ótima saúde.”

Muitos Espíritos frequentemente nos têm dado versos por meio de pancadas. Um dia, Marie ditou o seguinte:

Esperança, fé, caridade,
E sobretudo grande humildade,
É o que agrada a Deus acima de tudo.

Não se ouvindo mais as pancadas, pedimos a Marie para continuar, e ela acrescentou:

“Eu bem que gostaria, mas não ousou.”

Eu não resisto ao desejo de apresentar ao leitor as respostas seguintes, obtidas na mesma sessão por meio de um médium escrevente perfeitamente mecânico:

Pergunta: Deus teria encarnado? – R. Sim; o Cristo era mais que um homem, ele era Deus.

P. Um ser tão grande se teria então feito tão pequeno? - R. Sim, está aí o sublime dessa humildade que vos ensino.

P. Qual é, pois, a necessidade de tão grande sacrifício? – R. Para salvar os homens de uma penitência longa e terrível; para isso Deus se fez pequeno; ele se fez homem a fim de ser compreendido. Com Moisés e os profetas a grandeza de Deus deslumbrava e aterrorizava os homens: a simplicidade do Cristo os atraiu, encorajou, e não esmagou a frágil humanidade. Pôde-se ouvi-lo; pôde-se instruir para seguir sua lei, que é uma lei de justiça e de amor.

Numa outra oportunidade eu perguntei:

Pode-se, ao mesmo tempo, ser bom católico e bom espírita? – R. Certamente.

P. Conheces o trabalho que faço para demonstrar que o Espiritismo concorda com Cristianismo? – R. Sim.

P. E tu o aprovas? – R. Indubitavelmente, eu o aprovo.

P. Este pequeno livro fará bem? – R. Sim.

As páginas precedentes são suficientes para demonstrar que, no número dos Espíritos que respondem as nossas evocações, dois, pelo menos, são positivamente cristãos e católicos. Eu apelo ao mais inquieto fiel, ao teólogo mais severo: quem ousará atribuir as citações precedentes a Satã? Quem não recuará ante essa odiosa profanação? Pois bem! Isto posto, um pouco de razão, um pouco de lógica levarão bem longe.

VI

As comunicações que se seguem são de um Espírito muito elevado. Idênticas aos preceitos do catolicismo no que concerne aos nossos deveres para com Deus e nosso próximo, afastam-se sobre certos pontos que não têm interesse prático; mas essas divergências, que eu poderia ter feito desaparecer, se eu não fosse sincero, a ninguém escandalizarão. Que se examine a linguagem, que se escrute a doutrina, que se pese os conselhos, e que se diga se pode restar alguma sombra de dúvida sobre a elevação, a sabedoria, a perfeita pureza do Espírito que as ditou. Elas me foram dadas por meu Espírito familiar.¹⁰

“Ama, ora e faz o bem; a caridade, sempre a caridade, eis a grande lei; eis o que Jesus vos ensinou desde o estábulo de Belém até o cume do Gólgota. Então, caro filho, bendiz o Senhor que renova hoje as maravilhas dos primeiros dias.

“Como anjos que levam uma criança para os céus, os bons Espíritos sustentam tua alma e te mostram o caminho que conduz aos mundos felizes. Esse favor é imenso, e pensa, filho, que se ele decuplica tuas forças, dobra também teus deveres.

“Tu pedes um critério? Ele está em tua consciência; examina friamente nossos conselhos; interroga teu coração, e vê se te tornaste melhor ou mais mau.

¹⁰ A religião nos ensina que após nossa morte seremos punidos ou recompensados segundo nossos méritos; ela nos fala do céu; mas fora das alegrias infinitas dadas aos puros Espíritos pela sua aproximação de Deus, ela cala-se sobre sua missão.

O Espiritismo é mais explícito; ele nos ensina que a ociosidade não pode aliar-se com as virtudes celestes. Os Espíritos mais elevados gozam de uma felicidade inexplicável, mas jamais ficam desocupados.

Cada um de nós tem um anjo guardião; ao nosso lado vela um Espírito bem-aventurado cuja missão consiste em nos inspirar bons pensamentos; é, por assim dizer, uma segunda consciência, da qual infelizmente abafamos a voz, e que o criminoso orgulho de nosso livre-arbítrio muito frequentemente distancia de nós.

O Espírito familiar que me protege assina Zenão. Todos os Espíritos que consultei afirmaram que se trata verdadeiramente de Zenão, o estoico morto aos cento e cinco anos de idade, dois séculos antes do nascimento do Cristo. Esta informação pode fazer rir os incrédulos, mas nada escrevo para os convencer, dirijo-me a meus irmãos em Espiritismo, e se insisto sobre esse ponto é que muitos dentre eles, mesmo entre os fervorosos, sem excluir o Sr. Allan Kardec, contestam a autenticidade de muitas das assinaturas. As precauções que tomei, o controle ao qual submeti todas as comunicações assinadas Zenão, que reproduzi, me autorizam a crer que certamente emanam do célebre filósofo cuja vida foi tão bela e a memória tão venerada. De resto, se elas não são dele pessoalmente, são incontestavelmente de um Espírito igualmente elevado, pois nada encerram que desminta seu caráter.

As pessoas estranhas ao Espiritismo talvez se admirem de encontrar ideias católicas num filósofo pagão; a isto responderei: 1º que a maioria desses filósofos havia precedido a era cristã na ideia da unidade de Deus e de muitas verdades importantes; 2º que, como Espírito superior, deve ter seguido todas as fases do cristianismo; 3º enfim, que seria possível que depois ele tenha tido uma existência cristã, mas com um nome desconhecido que não teria nenhum significado para mim, enquanto o de Zenão deveria ter uma certa autoridade. É assim, por exemplo, que Sócrates parece ter revivido no século XVII na pessoa de um sábio e respeitável abade; mas como o nome de Sócrates é mais conhecido, é sob este que ele se comunica.

“Demônio, nós?... expulsa esses ridículos fantasmas; e quando essas misérias te embaraçarem, lembra-se da palavra do Cristo: Vós dizeis que expulso os demônios pelo poder dos demônios, ora qual é o reino que combate contra si mesmo? Se eu expulso os demônios, como posso expulsá-los pelo poder de demônios?”

“Pois bem! Eu pergunto o que há de mais anti-satânico do que a doutrina nova? Não é ela a consagração do ensinamento de Jesus?”

“Ficai, pois, em paz, meu filho; afasta essas ideias infelizes. Obedecei a Deus, e começa corajosamente tua vida nova.”



Após uma comunicação assinada Zenão, eu lhe pedi para atestar sua identidade em nome de Deus.

Ele me respondeu:

“Abre o *Imitation de Jesus-Christ*; teus olhos pousarão sobre um versículo que te provará que sou eu.”

Abri, conforme a ordem, e li:

“Meu filho, é assim que é preciso vos comporteis; se desejais caminhar comigo deveis estar tão disposto ao sofrimento quanto à alegria; deveis estar tão à vontade na pobreza e na indignância como na abundância e nas riquezas.”

Zenão continua:

“Quando tu oras em uma igreja, dirige-te sobretudo a Deus, e dedica um pensamento aos Espíritos mais infelizes e os mais esquecidos. Tu não sabes os seus nomes, mas Deus os conhece, e sua misericórdia sabe bem os encontrar.

“Nomeie aqueles que tu queres mais especialmente recomendar ao Pai celeste, e peça aos bons Espíritos para se unirem a ti em teus piedosos desejos. Ficai certo, meu filho, de que esses Espíritos saberão de quem lhes vem a consolação ou o acréscimo de felicidade. Eles te amarão, e no dia da verdadeira vida, aquele que chamais o dia da morte, a profecia de Marie, aquela que te fez tão feliz e tão crente, se cumprirá.”

Desde que sou mais iniciado na ciência espírita, sei que as provas de identidade são muito difíceis de adquirir; que são mesmo impossíveis para certos Espíritos, sobretudo aqueles que viveram em tempos recuados; podemos apenas constatar que sua linguagem não desmente seu caráter. Ademais, sei que os Espíritos são tão numerosos, que é impossível que todos tenham pertencido a personagens conhecidos na Terra, e que, para nós, muitos não têm nome; mas como precisamos de nomes para fixar nossas ideias, algumas vezes eles emprestam nomes de personagens com as quais simpatizam. Pouco importa, então, que o Espírito que me fala seja precisamente aquele do filósofo

grego, desde que me fale com uma sabedoria digna dele; para mim é um Espírito superior, e isso me basta. Mas se um Espírito, tomando um nome venerado, dissesse coisas indignas desse nome, ou traísse sua inferioridade, eu reconhecera a impostura, e uma só palavra equivocada seria suficiente para me abrir os olhos.

Se a identidade dos Espíritos antigos é impossível de se constatar, o mesmo não ocorre com os que foram nossos contemporâneos, e dos quais melhor conhecemos o caráter e os hábitos. Os parentes, os amigos que evocamos, frequentemente dão, nos detalhes íntimos, provas tão palpáveis de sua identidade que é impossível nos enganarmos; mas não quero aqui dar um curso de Espiritismo, deixo esse cuidado ao Sr. Allan Kardec.

Eu havia lido um livro cheio de fatos interessantes, mas ornamentado com reflexões pouco ortodoxas. Meu Espírito familiar, consultado a respeito, e a quem eu havia ao mesmo tempo solicitado alguns conselhos, respondeu:

“Não te preocupes com as doutrinas; examina os fatos, e bendiga o Senhor que permite tais milagres para tua melhora.

Não deixa tua fé oscilar; marcha com passo mais seguro apoiando-te em tua religião e suas piedosas práticas. Nenhuma é indiferente para ti; é preciso uma regra, e tua obediência aos mandamentos da Igreja, e ao mesmo tempo um ato de humildade e de submissão que agrada a Deus, de que serás recompensado. O rigor dos preceitos convêm à situação de tua alma. Filho indócil, frequentemente faliste; rebaixa-te, pois, e sofre com alegria essa misteriosa prova.

“E os conselhos, meu filho? Tu já podes dá-los a ti mesmo. Ouve tua consciência; estuda-te, e aplica-te a combater tudo o que prejudica teu adiantamento.

“A bondade não te falta; é a resolução, a coragem, a atividade no bem. Indolente, mesmo nos instantes em que tu pareces mais ocupado, encontras mil pretextos para descartar os trabalhos obrigatórios. Faz um pouco menos de Espiritismo, um pouco mais de medicina.

“Tu viste, tu sabes, tua convicção é perfeita; retoma teus estudos especiais, e sem correr atrás da glória, retoma o trabalho, e faz o bem.

“A riqueza talvez te chegue; talvez também venham os desgostos e as pungentes provas. Sê firme, resoluto e vigilante; aceita a infelicidade com a mesma serenidade com que recebes a felicidade. Se tu sofres, pensa na expiação; se Deus coloca a alegria em tua alma, agradece-o, e ora pelos cegos, os endurecidos, e os espíritos infelizes.”

Um dia eu interroguei Zenão sobre Annette, o Espírito do qual falei no começo, e que nos dá provas de sua bondade e afeição a cada dia. Ele escreveu o que segue:

“O Espírito de que tu me falas é puro, mas não pertence ainda a uma ordem muito elevada na hierarquia. Eu não poderia melhor compará-lo do que a um amigo devotado, sério e de bom conselho. As questões científicas e de filosofia transcendente não são de seu alcance; sua principal qualidade é uma sensibilidade apurada e uma caridade que não tem limites.”

VII

Eis agora uma série de comunicações do mesmo Zenão, sobre diversos assuntos, tratados espontaneamente ou provocados por perguntas. Entregamo-las à apreciação do leitor.

“Deveis vos entregar um pouco mais à Providência. Quando evocardes, sede pacientes e recolhidos. Orai a Deus e solicitai o concurso dos bons Espíritos: obtereis mais do que esperaríeis. Entretanto, subordinai à vossa razão e principalmente aos vossos sentimentos religiosos, as respostas que vos sejam dadas. Guardai-vos de as considerar sempre como revelações, e desconfiai dos Espíritos mentirosos.

“Quanto ao critério para distinguir os bons Espíritos, o único que pode vos inspirar uma confiança absoluta, é este: impulso para o bem.”

“É triste que adeptos mal inspirados se obstinem a pedir aos Espíritos revelações que são interditas de se fazer aos homens.

“Vossa fé é inabalável, que quereis a mais? A eternidade das alegrias celestes adquirireis se souberdes ganhá-la, e para isso vosso Pai que está nos céus não vos pede senão uma coisa: serdes bons. Deixai, pois, as pesquisas, e não interrogai os Espíritos nem sobre a ciência, nem sobre o futuro, nem sobre os sistemas cosmogônicos. Se enveredardes por essa via, sereis fatalmente enganados.

“Isto quer dizer que deveis negligenciar a ciência? Não, meu filho, não; mas a ciência adquire-se, não se revela.

“Seria bem cômodo ter como trabalho apenas reproduzir as respostas dos Espíritos, assim adquirindo, de repente, conhecimentos que somente o trabalho deve dar. Deus não o permite. Conversar conosco não é esforço; contentai-vos em nos consultar sobre vossos deveres, e pedi sabedoria para o trabalho.”

Essa comunicação foi motivada por algumas questões que eu havia dirigido a propósito das teorias científicas e cosmogônicas dadas pelos Espíritos. Hoje reconheço toda a sabedoria da resposta; mas naquela época eu insisti, e perguntei se é falso tudo o que os Espíritos nos ditaram sobre essas matérias. O Espíritos respondeu:

“Não, nem tudo é falso; mas podes estar certo de que o falso sobrepuja o verdadeiro, porque não é dado a nenhum Espírito transgredir a ordem das coisas estabelecidas por Deus; ora, Deus quer que adquirais a ciência pelo trabalho. Sabei bem que os Espíritos que vos ditam essas teorias, o fazem para satisfazer vossa curiosidade, ou para se fazerem importantes diante de vós; eles frequentemente falam segundo suas ideias pessoais; alguns podem crer no que dizem, como na terra tendes homens que

creem em seus próprios sistemas. Crede-me: não desvieis o Espiritismo de seu objetivo providencial, se quereis ter a verdade.”

Numa outra vez, respondendo ao pedido que lhe fizera sobre sua opinião com relação a uma determinação importante que eu deveria tomar, meu Espírito familiar escreveu o seguinte:

“Sabei, meu filho, que meus conselhos já foram depositados por mim em teu espírito; em meio às tuas perplexidades flutua um pensamento, teu verdadeiro polo magnético: abandono absoluto à vontade de Deus. E no entanto, é preciso que uma determinação seja tomada! Sem dúvida, é preciso; mas não há pressão. No momento menos previsto, a ocasião de te fixares se apresentará por si mesma; então, não mais reflexão, não mais hesitação, toma um partido irrevogável, e, pleno de confiança em teu destino, marcha. Afasta resolutamente as coisas muito fáceis; ao contrário, aceita os obstáculos, pois Deus os proporcionará sempre às tuas forças. Supões o insucesso, será a época das verdadeiras provas, e tu darás passos de gigante na via do progresso; em caso contrário, estarás na presença dos perigos espirituais provocados pela felicidade; mas tu estarás prevenido, e tuas boas ações suprirão as ações difíceis. Assim, meu filho, tu não tens outra perspectiva senão a felicidade. Felicidade no infortúnio, felicidade no sucesso, eis o que Deus prepara aos que sabem amá-lo.

“Entretanto, guarda-te de adormecer nas ideias místicas. O lado prático da vida, as condições do trabalho de todos os dias, tuas relações com a sociedade, os deveres e as necessidades de tua profissão, tudo isso constitui um terra-a-terra que tu não podes nem deves evitar.

“Sem ardor irrefletido, apressa com todas as tuas forças o momento em que, retomando tua profissão, estejas realmente em teu lugar. Mas, examina e ora; eu estarei ao teu lado; minhas inspirações não te faltarão.

“Que mérito tem a criança por não cair, quando sustentada pela andadeira? O mesmo se daria com o homem, se lhe traçássemos todos os passos; ele se fiaria em nós e nada faria sem nos consultar, e não teria mais livre-arbítrio. É preciso que ele faça uso de seus membros intelectuais, tanto quanto de seus membros corporais, e é muito útil ao seu adiantamento que adquira experiência às suas custas. Seu anjo guardião sempre lhe inspira o que lhe é mais vantajoso, cabe a ele escutar sua voz.”

Tendo um dia, a minha esposa, solicitado ao Espírito de seu pai para provar sua presença por meio de uma assinatura idêntica à que ele tinha em vida, experimentou uma mistificação. Interrogado a esse respeito, Zenão respondeu:

“Meu filho, tu experimentastes uma experiência que tem um ensinamento.

“Evidentemente o pai de sua esposa não respondeu ao seu apelo; certamente não se pode suspeitar da boa-fé do médium. Nova prova do que tenho frequentemente repetido: fora das lições exclusivamente morais, pode-se esperar mil decepções.

“Um sentimento de curiosidade, mais do que de piedade, preenchia vossos corações. Para vós, tratava-se muito mais de vos assegurar da lucidez do médium do que de vos edificar por uma comunicação piedosa. Deixa tua esposa dizer o contrário, tu a conheces melhor que ela mesma, e admitas, por ti mesmo, que se a assinatura desejada tivesse sido obtida, tua grande alegria teria sido, sobretudo, a de poder no futuro consultar o médium com perfeita confiança.

“Não apreciais bastante a graça que Deus vos concedeu. O dom da fé vos é concedido; conheceis vossos deveres e vossos destinos; o que mais desejais? Conversar com seus parentes e amigos de além-túmulo? É muito bom, e eles estão felizes; mas não sabeis que é preciso buscar as provas de identidade de outra maneira, que não nos sinais materiais que os Espíritos enganadores podem imitar? Esperai pacientemente essas provas, e eles vo-las darão em abundância de muito bom grado, se não as provocardes por curiosidade.

“Evocai-os com espírito fervoroso e eles virão; sabereis se estão felizes ou se precisam de preces. Que isto vos seja suficiente.

“Vamos, meu filho, sonda teu coração e, em sã consciência digas se não tenho razão.

“Bendize, pois, o Céu por haver enviado, para felicidade do vosso pequeno círculo, a encantadora Annette cujos conselhos vos tornarão melhores.

“Sim, meu filho, continua e persevera; vive e morre em tua religião. Afirmando-te que ela te aproximará mais de Deus.

“Se tua consciência se perturba por esconder do teu piedoso confidente tuas crenças espíritas, busca, e encontrarás um padre que concorde com teu coração. Mais de um em Paris recebeu de Deus os mesmos favores que tu, e tu terás a felicidade de ouvir, do tribunal da penitência, palavras que te confirmarão.

“Meu filho, a graça de que és objeto deve penetrar-te de reconhecimento e amor. Sim, desapega-te de mais a mais da matéria; repele os maus pensamentos; resiste aos

arrastamentos aviltantes; eleva-te a cada dia, e os anos que ainda te pertencem serão suficientes para compensar os anos inúteis.

“Tendes razão por me amar; deves ser reconhecido, pois faço muito por ti. Tens a felicidade de ser ternamente e religiosamente amado.

“Espíritos bem mais elevados que tu, falo mesmo de Espíritos que vivem na Terra, oraram por ti; bendigas Deus que, em sua misericórdia tão plena de ternura, permitiu que preces e boas obras, nas quais tu não pensavas, pudessem deter-te na ladeira em que tuas inclinações te faziam deslizar.

“Quantos rebaixamentos evitastes! Quantas preces tu deves fazer pelos pecadores e pelos Espíritos sofredores, em gratidão por aquelas que foram elevadas a Deus por tua melhoria! Essa dívida é sagrada, e te obriga com rigor.

“Eis-te espiritualmente rico; não sejas econômico na esmola; doa, meu filho, doa de todo coração, e essa caridade será pelo menos tão agradável a Deus, quanto a do rico que esvazia sua bolsa na mão do indigente.

“Saibas bem isso, pratica-o, e tu possuirás a verdadeira ciência, a verdadeira grandeza, aquela que te elevará, e que te conduzirá a Deus.”

Zenão.

VIII

Ainda que a crença na comunicação exclusiva do demônio esteja hoje bem desacreditada, como, tudo o que não é lógico, creio dever dar a essa questão algum desenvolvimento, a fim de me apoiar tanto nos fatos como no raciocínio. Vejamos agora uma outra parte do nosso assunto, e deixemos a palavra aos Espíritos:

“Escreve, meu filho.

“Não basta afirmar a concordância do Espiritismo com o Cristianismo, deves ter a lealdade de constatar as diferenças.

“No que concerne aos deveres, não há nenhuma.

“No que concerne ao dogma, há duas capitais: 1ª a reencarnação; 2ª a não eternidade da penas; acrescentemos uma terceira, a saber: Que o homem de bem, aquele que ama Deus e seu próximo, aquele cuja vida é preenchida por atos de virtude, será recompensado segundo suas boas obras, qualquer que tenha sido sua religião.

“Nada digo aqui sobre a reencarnação, reproduz o que já te comuniquei a esse respeito.

“Quanto à eternidade das penas, afirmo que essa crença é incompatível com a bondade e a justiça de Deus.

“Sob o ponto de vista prático, ela pôde, nos séculos passados, exercer uma feliz influência sobre uma sociedade menos avançada que a vossa; hoje ela produz apenas uma coisa: Incredulidade.

“Apresentada como um dogma fundamental do Cristianismo, em vez de apavorar as almas, ela suscita primeiro a dúvida, mais tarde a negação; e como tudo se encadeia nos dogmas, os homens conservam o nome de cristãos, mas a fé cristã fenece.

“Se consideramos atentamente a família cristã, se sondamos os corações, perceberemos que todas as virtudes são filhas do amor e não do temor.

“É bem pequeno o número dos cristãos que o temor do inferno retém no dever.

“É bem grande o número daqueles que, para afastar essa ameaça, afastaram também a fé, e se tornaram ateus, ou simplesmente deístas, o que não é muito diferente.

“Pense agora na repentina revolução que se operaria nas almas, se os ministros cristãos entrassem em comunicação com os Espíritos.

“À nossa voz, uma aproximação irresistível reuniria todas as Igrejas, e a religião se chamaria, a justo título, católica¹¹.

“O que responderia o perverso quando uma voz do além-túmulo o chamasse ao dever?

¹¹ Católica significa: universal. (N. T)

“Que pavor enregelante tomaria o homicida, quando um assassino lhe dissesse, como tu ouviste: “Há duzentos anos que estou nas trevas. Vejo apenas minha vítima. Meu suplício é terrível e não posso prever seu fim.”

“Não é mais uma ameaça que sai da boca de um padre, é uma realidade terrível, mil vezes mais assustadora do que todos os sermões sobre o inferno.

“Oh! Se alguma coisa pode estimular o arrependimento, se qualquer coisa pode eletrizar as almas, se algo pode impulsioná-las inevitavelmente para Deus, é essa interação piedosa com os bons Espíritos que podem, por misericórdia do céu, vos sustentar, vos inspirar, vos amar.

“E quando esses Espíritos vos falam da religião com respeito, com amor; quando eles confirmam o Cristo, acalmam vossas paixões e vos mantêm irresistivelmente no bem; quando eles fazem correr de vossos olhos lágrimas de arrependimento e de amor, é que vós os maldizeis e os chamais filhos do inferno!...

“Não, meu filho, não; essa blasfêmia jamais será proferida seriamente. Vossos mais violentos detratores virão a seu turno à verdade nova. Não os condeneis hoje, lamentai-os. Lembra-te da suave palavra de Jesus: Perdoa-os, meu Pai, eles não sabem o que fazem.”

IX

“As três comunicações seguintes foram obtidas após discussões um pouco vivas, entre um espiritualista e eu, sobre a incompatibilidade do Espiritismo com o Cristianismo e, sobretudo, com o catolicismo.

“Eu já havia dito, meu filho, para não te entregares a essas preocupações. Discutir com incrédulos não dará resultado.

“Pensas que teus contraditores sentem necessidade de se converter? De forma alguma. Eles querem fortalecer sua incredulidade. Eles são incrédulos de caso pensado; argumente, prove, demonstre, e eles têm mil pretextos para não crer; e, coisa triste de admitir, não lhes faltarão textos para afirmar que Espíritos, (eles dirão os Espíritos) contradizem formalmente o dogma católico.

“Pois bem! Eu, teu pai, afirmo que tu deves agradecer a Deus por ter nascido no seio de uma religião que, pela grandeza de seus ensinamentos, incontestavelmente é a que mais se aproxima da verdade absoluta.

“Eu disse-te um dia: Queres um critério da bondade e da legitimidade de nossos ensinamentos, ei-lo: Impulso para o bem. Lança um olhar sobre o passado. Desde a missão do Cristo, qual religião fez mais homens verdadeiramente devotados, verdadeiramente caridosos, verdadeiramente consagrados ao bem? Que religião fez os missionários, os irmãos São João de Deus, as irmãs de São Vicente de Paulo, as pequenas Irmãs dos pobres? Que religião colocou nos corações mais caridade, mais amor, mais esquecimento de si mesmo?... Se for a religião católica, e é ela, aí tu encontrarás, mais que alhures, a aplicação do critério: Impulso para o bem. Então, é a mais verdadeira; porquanto, mais que as outras ela te aproximará de Deus. Isto quer dizer que ela possui toda a verdade?

“Eu te compreendo; essa questão te parece uma heresia, e perguntas se a dúvida não é uma separação.

“Não, meu filho, tranquiliza-te. A heresia não consiste em não ter o mesmo ponto de vista que a Igreja. É assim que a eternidade das penas, a remissão absoluta dos pecados por certas preces indulgenciadas, conforme o interesse, a sentença: Fora da Igreja não há salvação, os casos de consciência, o inferno, o purgatório, não são vistos da mesma maneira por todos os católicos.

“É também assim que o que é proibido numa diocese é frequentemente permitido numa outra. Pensas que os padres esclarecidos acreditam no fogo material e nas fornalhas do inferno, nos cornos de Satã, na fruta que perdeu o gênero humano?

Desengana-te, pois eles encaram as coisas mais corretamente e não se julgam heréticos por isso.

“Quem diz heresia, diz revolta. Tu não és herético se entenderes de viver e morrer em tua religião, se tu a praticas *como se tudo fosse verdade*, se te inclinas com respeito diante de sua autoridade, e se encerras no fundo de teu coração as divergências que tua razão ali colocou.

“Exigir que creias de uma maneira absoluta, completa e sem pensamento oculto, o que revolta tua razão, é exigir que o braço de uma criança sustente o fardo que quebraria o braço de um Hércules. O impossível não pode ser, e não se pode exigir de tua razão o que te é impossível. O que tua razão te ensina também, é apenas sua própria fragilidade. Quantas verdades às quais tu não podes atingir!

“Poderia ocorrer, por conseguinte, que certas coisas antipáticas à tua razão fossem verdades. Isto deve afastar de teu coração os pensamentos orgulhosos, e te inspirar a humildade.

“Pois bem, meu filho, humilha-te.

“Antes que Deus te houvesse agraciado com a possibilidade de se comunicar com os Espíritos, tu eras um assaz medíocre católico, mas atestavas tua fé. Que fazias quando a dúvida penetrava em tua alma? Tu a afastavas, ou te consolavas em te afirmar no bem. Faz o mesmo hoje; adquiere a sabedoria de discernir, no ensinamento religioso, o dogma fundamental da prescrição secundária. Sempre o critério: *Impulso para o bem*. Tudo o que lhe inspira, eis a *verdade prática*; tudo o que te deixa indiferente, eis o detalhe, eis o que não tem mais que medíocre importância.

“Observa bem que o princípio de autoridade, uma das bases fundamentais do catolicismo, perde atualmente sua importância. Os milagres¹² reveladores se renovam todos os dias; os conselhos que te são dirigidos têm, também eles, seu caráter de autoridade e de grandeza.

Antes de te comunicares conosco, era teu dever estrito inclinar-te em tudo e por tudo ante a autoridade da Igreja, sob pena de ver surgir tantas seitas religiosas quanto o número de indivíduos que existem. Atualmente, não é somente a tua razão que fala, são Espíritos depurados, são Espíritos próximos de Deus.

¹² Se entendemos por milagre um fato em contradição formal com as leis da natureza, não podemos dar esse nome às manifestações espíritas, mas essa não passa de disputa de palavras. No estado atual, seja no campo da ciência ou da filosofia moral e religiosa, pode-se chamar milagre todo fenômeno insólito, evidentemente produzido por uma inteligência, que certamente não pertence a um ser humano. Quer esses fenômenos sejam raros ou frequentes, em nada alteram a questão, e se nos recusamos a dar-lhes o nome de milagre, risquemos essa palavra de nosso vocabulário, porque se as coisas chamadas até agora de sobrenaturais, entram na categoria dos fenômenos físicos; a imaginação nada pode conceber que não tenhamos o direito de atribuir a forças naturais.

Opera-se, neste momento, uma evolução misteriosa que, necessariamente e num futuro próximo, terá influência sobre os ensinamentos da Igreja; nossas vozes serão ouvidas; e se Deus permite esses temíveis fenômenos, é preciso que os resultados por ele previstos se realizem.

Que loucura supor que essas maravilhas são produzidas unicamente para alguns privilegiados, e cuja maioria não pôde ainda ir além de uma simples curiosidade, ou de uma observação ingenuamente filosófica!

O Espiritismo apenas começa, e em alguns anos ele terá metamorfoseado o mundo. Até lá, meu filho, permanece na via que deliberadamente eu te indiquei. Sê sempre católico; tua candura é aprazível a Deus, mas ele reprovava a arrogância e o orgulho do ímpio.

O futuro, eu o prevejo, não mudará os vossos dogmas; alguns serão apenas modificados. Jesus Salvador, Jesus, Filho de Deus, será sempre vosso Rei. Nada será modificado em vossas cerimônias, nem no texto de vossas preces; celebrar-se-á sempre no santo Sacrifício a lembrança eterna da Paixão; amar Deus e o próximo será, como nunca a lei, e os homens compreenderão então as adoráveis verdades que desconhece hoje.

Pergunta: Ainda uma vez, eu sou herético?

R. - Não, meu filho, não, tu não és herético. Sonda teu coração: amas a Igreja? Respeitas a Igreja? Obedeces os seus preceitos? Executas seus mandamentos? És dócil e submisso? Aquilo que não podes admitir excita em teu coração sentimentos de revolta ou de desprezo? Estás perfeitamente de acordo com ela sobre todas as coisas que firmam no bem, que aumentam em tua alma o amor de Deus e o devotamento a teus irmãos? Sim. Pois bem, tu és católico.

Zenão.

Examina tua consciência; ela te diz que tens a mínima obrigação de expor a teu amigo o encadeamento lógico de tuas crenças? Se ele fosse católico, se tu fosses para ele um objeto de escândalo, poderia ser útil edificá-lo. Todavia, diante de suas ideias preconcebidas, nada tens de melhor a fazer do que sorrir e guardar silêncio.

Ele afirma que combate pela verdade; possui então o critério da verdade? O fato é que ele não combate por alguma coisa, mas contra qualquer coisa. O velho ódio anti-religioso fermenta no fundo de seu coração e, de sua pretensa lógica, o que ressalta com muita evidência é o horror invencível do padre e do catolicismo, e podes acrescentar, de toda religião.

Oprimido pela formidável verdade espírita, quer permanecer espírito forte. Tu as entendeu, suas crenças novas não o melhoraram, e essa imobilidade de sua existência moral lhe parece sem dúvida o que ele tem de mais charmoso e de mais natural.

No entanto, esse filósofo, esse lógico, esse homem de progresso, deveria crer que é obrigado a progredir, e se ele professa uma doutrina qualquer, deveria certamente ter escolhido aquela que o leve mais longe da via do melhoramento. Mas assim não é; ele liga-se ao que ele próprio é, e o impulso para o bem absolutamente não lhe importa. Então sua lógica, chama isso como queiras, nada tem de prático, portanto não é verdadeira, porque só é verdade o que é prático. Evidentemente sua filosofia não é igual a seus destinos.

Ele afirma que o Espiritismo nada fez por sua alma; é que ele é muito simplesmente um espiritualista faltoso. Ele não conhece do Espiritismo senão fenômenos curiosos, e Deus não o achou ainda maduro para compreender e apreciar a doutrina.

Em definitiva, evite as discussões religiosas com ele, pois elas não teriam êxito. A solidez de tua fé está ao abrigo de todos os assaltos, mas não te aventures a operar conversões impossíveis.

Deixa o ímpio à vontade para confundir-se nas dobras de sua pretensa lógica, e mantém-te simples e resolutamente na tua via.

Luta com ações e não com vãs palavras; prova, por uma caridade sempre crescente, por uma doce paciência, por uma fidelidade constante aos teus deveres, que tua doutrina é para ti uma árvore que dá bons frutos, e tu bendirás o Céu por ter aberto a ti tesouros de alegria e consolações.

Zenão

Permiti-me uma questão. Disseste que Deus ainda não o julga maduro para compreender e apreciar a doutrina. No entanto, ele é um homem inteligente; como Deus o deixa voluntariamente no erro? Não dependeria dele esclarecê-lo?

“Deus a ninguém deixa voluntariamente no erro e nas trevas da ignorância. Precisamente porque se trata de um homem inteligente é que ele é menos escusável por não se render à evidência. A incerteza em que ele flutua, malgrado todos os meios que tem para esclarecer-se, é uma punição, e uma vez que ele não tira dos fenômenos que observa nenhum proveito para sua alma, que não o torna melhor, ele não merece gozar das sublimes consolações que o Espiritismo dá. Aquele que não compreende essas consolações, que nada vê além dos fatos materiais, qualquer que seja sua inteligência,

não está maduro para apreciar a doutrina. Não é Deus, pois, que o priva da luz, é ele mesmo que se priva das doces alegrias que ela proporciona.”

Numa outra vez, voltando ao assunto de discussão relatado acima, obtive a seguinte resposta:

“Ainda essa preocupação! De uma vez por todas, faz teu amigo compreender que é completamente inútil dispensar tantas palavras, sem sombra de resultado. Quando tu afirmares durante uma hora que tu és católico, durante uma hora ele terá negado, e nem um nem outro tereis dado um passo. Fica evidente que se não puderdes vos colocar sob o mesmo ponto de vista, não podereis vos entender.

Além do mais, onde pretendes chegar? Espera que ele te tornes melhor? Existe algum ensinamento novo reservado para te aproximar de Deus? Admitindo-se que a religião é a ciência de nossos deveres para com Deus e com o próximo, há algum preceito esquecido pelo catolicismo para te assinalar? E esse receita te faria amar mais Deus e teus semelhantes? Tu pensas que não? Eu te afirmo que não.

Uma imensa graça te foi concedida. Desde o primeiro dia, o Espiritismo tem para ti o caráter de uma revelação. Teu coração foi tocado, e o sentimento religioso quase extinto em teu espírito reanimou-se repentinamente. Jamais cumpristes teus deveres de cristão com mais assiduidade, nem orastes com mais fé. De quê mais precisas? Desesperas-te porque teu amigo, o filósofo, dirá que tu não é lógico? Saibas, meu filho, que não é questão de lógica, mas de sentimento. É lógico o amor? São lógicas as grandes e nobres paixões? Em verdade, que te importa a lógica dos outros! Tua razão vale tanto quanto a dele. Ora, o que te diz a razão? Que não há no mundo dois homens absolutamente de acordo sobre qualquer coisa; os católicos não mais que os outros. Assim, se eles diferem em algum ponto, ainda que mínimo, devem formar uma grande sociedade de mútua excomunhão?

Abarca num golpe de vista tua religião, e a compara com os ensinamentos dos Espíritos; em que são divergentes? Sobre a imortalidade da alma? Não.

Sobre o poder e sobre a bondade infinita de Deus? Não.

Sobre vossos deveres para com o próximo? Não.

Sobre a missão do Cristo Salvador? Não.

Sobre a obrigação estrita de orar pelos mortos? Não.

Sobre a eficácia das preces? Não.

Sobre as penas e recompensas futuras? Não.

Sobre a existência de bons e maus anjos? Não.

Sobre a necessidade da penitência? Não.

Sobre a veneração dos santos? Não.

Pois bem, fora dessas verdades maiores, o que resta? Simples detalhes. Segue pois pacificamente tua rota: é a boa, eu o afirmo. Não é suficiente unicamente uma religião, é preciso um culto, porque é necessário à natureza do homem. Ele precisa de reuniões piedosas, onde sua alma se impregne dos eflúvios celestes que os bons Espíritos espalham, planando ao seu redor. Precisa de preces em comum, cantos piedosos que o comovam e o exaltem até o êxtase. Assim é que ele prenuncia sua verdadeira vida. Pois bem, o culto católico é, sem contradita, o mais belo, o mais emocionante de todos. Os preceitos de tua Igreja são os mais sábios; mais eficazmente que os outros, eles te ensinam a dominar tuas paixões e a desprender-te da matéria. Obediente, então, és cristão, e, não desapontando os trocistas, és cristão católico, é tua missão; ela é bastante bela para que tu a ames e a cumpras fielmente.”

X

Em apoio ao que me foi ditado pessoalmente sobre a eternidade das penas, creio dever citar o que está dito sobre o mesmo assunto no Livro dos Espíritos.¹³

1003. A duração dos sofrimentos do culpado, na vida futura, é arbitrária ou subordinada a alguma lei?

“Deus jamais age por capricho, e tudo, no Universo, é regido por leis nas quais se revelam sua sabedoria e sua bondade.”

1004. Em que se baseia a duração dos sofrimentos do culpado?

“No tempo necessário à sua melhora. Sendo o estado de sofrimento ou de felicidade proporcional ao grau de depuração do Espírito, a duração e a natureza de seus sofrimentos depende do tempo que ele leve para melhorar-se. À medida que ele progride e que seus sentimento se depuram, seus sofrimentos diminuem e mudam de natureza.”

São Luís.

1005. Para o Espírito sofredor o tempo parece tão longo quanto se ele estivesse vivo, ou menos longo?

“Parece-lhe antes mais longo: o sono não existe para ele. Apenas para os Espíritos chegados a um certo grau de depuração o tempo se apaga, por assim dizer, diante do infinito.”

1006. A duração dos sofrimentos do Espírito pode ser eterna?

“Sem dúvida, se ele fosse eternamente mau, isto é, se não devesse jamais se arrepender nem se melhorar, ele sofreria eternamente; entretanto, Deus não criou seres votados perpetuamente ao mal; criou-os simples e ignorantes, e todos devem progredir num tempo mais ou menos longo, conforme a própria vontade. A vontade pode ser mais ou menos tardia, como há crianças mais ou menos precoces, mas chega cedo ou tarde pela irresistível necessidade que o Espírito experimenta de sair de sua inferioridade e de ser feliz. A lei que rege a duração das penas é, pois, eminentemente sábia e benevolente, porque subordina essa duração aos esforços do Espírito; jamais retira seu livre-arbítrio: se dele faz mau uso, sofre-lhe as consequências.”

¹³ Os número são os dos parágrafos do *Livro dos Espíritos*.

São Luís

1007. Há Espíritos que jamais se arrependem?

“Há aqueles cujo arrependimento é tardio, mas pretender que jamais se melhorem seria negar a lei de progresso, e dizer que a criança não pode se tornar adulto.”

São Luís

1008. A duração das penas depende sempre da vontade do Espírito, ou haveria penas que lhe sejam impostas por determinado tempo?

“Sim, penas podem lhe ser impostas por um tempo, mas Deus, que quer apenas o bem de suas criaturas, acolhe sempre o arrependimento, e o desejo de se melhorar jamais é estéril.”

São Luís

1009. Conforme o que dissestes, as penas impostas jamais o seriam pela eternidade?

“Interrogai o vosso bom sendo, vossa razão, e pergunteis se uma condenação perpétua por alguns momentos de erro não seriam a negação da bondade de Deus? O que é, com efeito, a duração da vida, ainda que fosse de cem anos, com relação à eternidade? Eternidade! compreendeis bem essa palavra? Sofrimento, torturas sem fim, sem esperança, por algumas faltas! Vosso julgamento não repele tal pensamento? Que os Antigos tivessem visto no senhor do Universo um Deus terrível, ciumento e vingativo, concebe-se; em sua ignorância eles emprestaram à divindade as paixões dos homens; entretanto, não é esse o Deus dos cristãos, que coloca o amor, a caridade, a misericórdia, o esquecimento das ofensas no número das primeiras virtudes; poderia faltar a ele próprio qualidades das quais ele faz um dever? Não há contradição em lhe atribuir a bondade infinita e a vingança infinita? Dizei, antes de tudo, que ele é justo, e que o homem não compreende a sua justiça; no entanto, a justiça não exclui a bondade, e ele não seria bom se votasse a penas horríveis, perpétuas, a maior parte de suas criaturas. Poderia Deus fazer da justiça uma obrigação para seus filhos, se não lhes desse os meios de compreendê-la? Aliás, no fazer que a duração das penas dependa dos esforços do

culpado por se melhorar, não está toda sublimidade da justiça unida à bondade? Aí está a verdade desta máxima: "A cada um segundo suas obras."

Santo Agostinho

A esse respeito, dirigi ao meu guia as questões seguintes:

- Um Espírito que jamais se arrependesse, seria então eternamente infeliz?

R. Isso é evidente. É como entre vós; um criminoso que não se emenda não está sempre sob o golpe da justiça? O preguiçoso que não se instrui não é sempre ignorante? Suponde um homem condenado à prisão perpétua, mas ao qual é dito: se fizeres tal coisa, sereis libertado. Pois bem! Se ele não fizer a tal coisa, permanecerá na prisão toda sua vida.

- Assim, a eternidade das penas não é uma invenção, uma ficção; poderia tornar-se uma realidade para o homem que jamais se arrependesse, que jamais fizesse algo para tornar-se melhor?

R. Sem dúvida; mas admirais sobretudo a bondade e a justiça de Deus, que faz sempre a duração das penas depender da persistência da falta, ou da reparação; aquele que nada repara, não pode pretender a indulgência. Aquele que sofresse uma pena eterna é porque seria eternamente culpado; no entanto, no momento em que uma luz de arrependimento surge nele, Deus lhe abre a via da reabilitação; cabe a ele aproveitar. Dai

ao dogma da eternidade das penas uma interpretação racional, e todos o aceitarão; persistindo em lhe dardes um sentido que a razão repele, engendrareis a incredulidade.¹⁴

¹⁴ O dogma da eternidade das penas é controverso; teólogos mesmo o entendem hoje no sentido relativo e não absoluto, ao dizer que o fogo (emblema do castigo) é eterno, porque durará tanto quanto houver mal a punir, o que não implica, para cada um, uma condenação perpétua e sem remissão possível.

Uma autoridade que nenhum católico poderia contestar, vem hoje sancionar essa doutrina, e essa autoridade é a do próprio Papa. Com efeito, Pio IX, em sua alocução no consistório secreto de 28 de setembro de 1860, disse as seguintes palavras inequívocas: “*Sabeis muito bem, veneráveis irmãos, que toda nossa esperança deve ser colocada em Deus, nosso auxílio e nosso refúgio em nossas tribulações; em Deus, que fere e que trata as feridas, que golpeia e cura, dá a morte e a vida, leva aos infernos E DELE RETIRA.*”

Segundo a interpretação vulgar do dogma da eternidade das penas, as portas do inferno se fecham sem retorno para o culpado; não resta para ele esperança nem salvação, nem alívio possível a seus sofrimentos. Ora-se pelas almas do purgatório, mas pelos infelizes danados, a prece é inútil. Para eles, nenhuma consolação: Deus é inflexível. Tal é o dogma na sua rigorosa acepção; mas não é, seguramente, a opinião do Papa, pois ele diz: *Deus leva aos infernos E DELE RETIRA*. Está claro que, se Deus retira dos infernos, é que a condenação não é irremissível; por conseguinte, a eternidade das penas não é absoluta; não existiria senão para o culpado que jamais se arrependesse, o que seria justo, porque se ele sofre por longo tempo, se sofre sempre, não pode reclamar senão de si mesmo. Penso que a nenhum católico venha o pensamento de taxar o Papa de heresia, porque ele crê que se possa sair do inferno. É uma opinião pessoal de sua parte? Não, porque dirigindo-se ao sagrado colégio, ele diz: *Sabeis MUITO BEM, veneráveis irmãos, etc.*; então, uma vez que o sagrado colégio sabe *muito bem* disso, é que partilha dessa opinião. Na minha opinião, essa palavra encerra a questão. Se alguém pretendesse, para sustentar a eternidade absoluta das penas, que interpretamos mal o sentido daquelas palavras, seria de lamentá-lo por querer, por toda força, retirar de Deus seu mais belo atributo: *a bondade*.

De resto, se a eternidade dos sofrimentos não existe na realidade, está na crença do culpado, e é ainda assim um castigo para ele. As evocações espíritas nos mostram os Espíritos perversos incertos sobre o termo de seus sofrimentos; eles creem que sofrerão sempre, e essa crença é consequência mesma de seu estado moral. Esse termo não poderia ser fixado, pois está subordinado ao arrependimento do culpado; assim, enquanto o arrependimento não entra em seu coração, o termo da punição fica vago; não existindo realmente o termo, ele não o pode ver. A Igreja nos ensina que Deus perdoa o pecador arrependido, mas se o arrependimento não chega, não se pode obter o perdão, que se esperaria *eternamente*, se o arrependimento demorasse *eternamente* a chegar. Deus só é inflexível com os pecadores endurecidos. Desde que uma centelha de arrependimento lhes penetra, eles entreveem, não o termo ainda, mas a possibilidade de um fim para seus sofrimentos; é então, sobretudo, que a prece e os conselhos são eficazes para sustentá-los na nova luta que vai empreender, pois à medida que se depuram pela expiação, Deus, em sua infinita bondade, faz luzir a seus olhos, primeiro a esperança, depois a certeza da reabilitação. O que há de mais belo, de grande, de mais conforme com a soberana justiça do que essa doutrina! Todos a compreendem, e quando ela for ostensivamente ensinada, todos a admitirão, e o mais rigoroso racionalismo não poderia encontrar nela nada a reparar. Que se interroge a esse respeito a consciência de cada um, e se verá de que lado está a maioria.

XI

Uma outra vez meu guia, voltando sobre a dificuldade de fazer aceitos certos dogmas tais como são interpretados, ditou-me a comunicação seguinte:

“Toma um a um os dogmas da religião, e os mais incompreensíveis encontrarão uma interpretação satisfatória em nossos ensinamentos.

Falar-te-ei hoje de *Jesus descendo aos infernos*.

Antes de seres iniciado na doutrina, pensaste alguma vez nesse admirável mistério? Ah, jamais!

Quanto esforço de imaginação da parte dos teólogos! Quantas explicações infelizes, e frequentemente baldas de sentido davam eles aos fiéis que lhes solicitavam a luz! E, no entanto, que explicação muito natural se apresenta hoje à tua alma!

Os Espíritos, em sua maioria, flutuavam nas regiões inferiores, e desanimavam em face do sofrimento; ninguém orava por eles; nenhuma voz partindo da terra se elevava aos céus para encorajá-los e solicitar a misericórdia divina. Sozinha, a expiação seguia seu curso. Pena proporcionada à falta, tal era a lei inexorável sancionando a justiça de Deus.

Jesus, Salvador, cumpriu a sua missão; Messias dos mortos como dos vivos, desceu às regiões inferiores, visitou as almas que a ausência de todo socorro deixava numa dolorosa erraticidade. A redenção lhes foi revelada, e tudo o que, de longe ou de perto, toca vossa infeliz Terra, experimenta repentinamente a influência da cruz.

Na ignorância das primeiras idades os Espíritos erravam sem outro alívio além de seu próprio arrependimento. A caridade cristã não existia. Jesus nasce, vive e morre dando às gerações o exemplo do devotamento infinito. O Homem-Deus, o mais puro e o mais inocente dos seres, toma para si a expiação material e ao mesmo tempo opera a grande revolução cristã na Terra e no mundo dos Espíritos. Messias de todas as almas encarnadas ou errantes, estabeleceu relações que existirão doravante entre os homens e os Espíritos. Como ele é vosso eterno exemplo, a vós também, pobres exilados, ele ensina a descida aos infernos, isto é, a baixar um olhar de compaixão para os Espíritos sofredores e estender-lhes mão socorredora; a vós ele ensina a sublime caridade espiritual: a consolação dos Espíritos em sofrimento. Lei encantadora, desconhecida de vossos pais judeus ou pagãos; caridade exercida pela miséria tanto quanto pela opulência; esmola tão fácil de distribuir; dom do coração tão doce e tão consolador; numa palavra, orar pelos mortos: tudo isso está virtualmente contido no mistério da descida aos infernos. Tudo isso encontra-se em harmonia com a lei de expiação: arrependimento e penitência; porém, penitência com essa solidariedade tão tocante que

faz a comunhão dos fiéis. A lei de amor não é verdadeiramente promulgada senão após a descida de Jesus aos limbos; esse o coroamento de sua missão.

Eis, meu filho, eis a tradução fiel do *descendit ad inferos*.

Compreendes agora tudo o que o Espiritismo encerra de sublime? Compreendes o quanto são pueris, ao lado desses grandes ensinamentos, as preocupações dos que veem nele apenas um atrativo para sua curiosidade? Que se consomem em vãs experiências para assegurar-se de quê? De que são Espíritos que se comunicam, ou, se creem nos Espíritos, para ver o que eles sabem e se são mais hábeis que vossos mágicos. Crede-me, meu filho, não te deixes arrastar por essa via que te retardaria em vez de te fazer avançar. Aplica-te sempre a tirar as consequências morais de tudo o que vês, pois aí está o verdadeiro objetivo do Espiritismo; se ele não te torna melhor, é sem utilidade para ti, ainda que fosses testemunha dos mais prodigiosos fatos.

Sim, eu te digo: o Espiritismo é a luz que vai dissipar as trevas; é a nova via de salvação que Deus, em sua bondade, concede aos homens que cada dia se extraviam seguindo o caminho do orgulho, do egoísmo e da cupidez. Nesses fenômenos que surgem de todas as partes, como para provar-vos que nada acaba com a vida; nessa doutrina que se propaga malgrado os fariseus de vosso tempo, não reconheces a mão de Deus? Não é mais a voz de um só que vos fala, é a de todos os vossos irmãos que vos gritam de todos os pontos do universo para vos advertir sobre o precipício que há sob vossos passos. Deus assim o quis; que poderia ir contra sua vontade? O que significa para Deus a negação ou a má vontade de alguns homens! Quando eles houverem preenchido a medida da incredulidade, com um sopro ele os dispersará, como o vento de outono dispersa as folhas desde a copa da árvore até a sua base.

Zenão

XII

A fé cega provavelmente pode ter seu mérito, mas eu creio que se fizemos dela uma virtude, foi pela impossibilidade de fazer melhor; o que o prova são os esforços inauditos que certos pregadores fazem com vistas a elucidar o que, como admitem, é incompreensível, acumulando as comparações e as hipóteses para alcançar essa conclusão banal: é um mistério que é preciso crer sem compreender. Todavia, que poder não teriam eles sobre as convicções, se pudessem apoiar-se numa demonstração simples, racional, inteligível, em vez de prender-se a um misticismo que deixa sempre na alma do auditor um vazio, uma incerteza que pode engendrar a dúvida, e da dúvida conduzir à incredulidade!

Porque então tendo na mão um meio de afastar essa dúvida, a Igreja o rejeitaria? Com isso ela ganharia em influência, pois a fé inteligente será sempre mais viva, mais inabalável que a fé cega; isso está na natureza humana, e eu sou um exemplo disso. É certo que antes de conhecer o Espiritismo eu era católico, mas crendo sem compreender, confesso que a dúvida frequentemente afluía em meu pensamento e talvez não precisassem de grandes esforços para fazer-me vacilar. Hoje que, graças ao Espiritismo, posso dar-me conta, sinto-me coraçado contra os argumentos do cepticismo. Se é o demônio que me ensina essas coisas, é preciso convir que ele tem uma maneira singular de recrutar.

Eis o que me ditou meu Espírito familiar sobre a Eucaristia e a Trindade:

“O mistério da Eucaristia, o mais inefável de todos, é apresentado aos cristãos com um caráter tão obscuro, tão inexplicável que, para continuarem fiéis, ele devem refugiar-se inteiramente em sua fé. Desde que a sua razão ensaia soletrar alguma coisa, obscuridades impenetráveis estendem-se sobre suas almas, e se persistirem tornam-se quase inevitavelmente incrédulos. Pois bem, o Espiritismo, como seu archote, dissipa as trevas.

Nós te afirmamos que Deus, Espírito infinitamente puro, infinitamente poderoso, está em toda parte.

Ensinamos-te, igualmente, que os Espíritos elevados gozam de admirável privilégio, que é o de estar em muitos lugares diferentes ao mesmo tempo. Muitos são encarregados de um grande número de almas que, por assim dizer, jamais abandonam. Para fazer-nos inteligíveis, empregamos uma expressão que não esclarece perfeitamente essa verdade, mas vos ajuda a compreendê-la. Nós chamamos de *irradiação* essa maravilhosa propriedade de ubiquidade, apanágio exclusivo dos Espíritos puros.

A irradiação de Deus é infinita; a dos Espíritos é limitada. Ora, o que é o sacramento da eucaristia? A encarnação do Cristo na hóstia. Para vós, espíritas, que conheceis a insignificância do corpo humano, também é mais natural admitir a penetração de um Espírito num fragmento de matéria, do que numa massa de carne e osso. Pois bem, admitindo-se que, na qualidade de puro Espírito, o Cristo irradia por toda parte, concebe-se como ele responde cada dia às inumeráveis evocações de seus ministros; como ele penetra, incarna-se, por assim dizer, na hóstia, que se torna um verdadeiro corpo, para perpetuar o adorável mistério da Redenção. Envolvido no pão e no vinho eucarísticos, como nossa alma em nossos órgãos, o Cristo aí está realmente e positivamente incorporado.

Se refletirdes piedosamente, se meditardes sobre a irradiação e a encarnação dos Espíritos, vossa razão e vossa fé, em vez de se combaterem, dar-se-ão mútuo apoio.¹⁵

É ainda a irradiação que vos explicará o mistério da santa Trindade.

Um só Deus em três pessoas; o Filho que procede do Pai; o Santo-Espírito que procede do Pai e do Filho; cada uma das pessoas estando em Deus, e cada uma sendo distinta das duas outras, mas constituindo juntas um só Deus, não seria a irradiação infinita da Divindade?

Tudo o que emana da Divindade não pode ser senão infinito. Uma emanção divina irradia na qualidade de Deus e Filho: Espírito infinitamente puro, infinitamente poderoso como o Pai, e destinado a incarnar-se a fim de salvar os homens e permanecer eternamente seu soberano juiz. Uma outra emanção igualmente pura, igualmente poderosa, destinada a iluminar as almas, irradia na qualidade de Santo-Espírito; os três fazem apenas um, mas distintos, e possuindo cada um as qualidades do infinito; tal é a santa Trindade, ou pelo menos tal é a frágil ideia que nossa razão tão débil pode fazer dessa verdade que deslumbra até mesmo os arcanjos.

Convenhamos, no entanto, malgrado a obscuridade com que esse mistério permanece envolvido, que o Espiritismo lança sobre ele uma luz desconhecida dos teólogos e dos filósofos. Assim, dia virá em que essa luz esclarecerá todas as almas; dia virá, eu o atesto, em que a Igreja estará no Espiritismo, ou bem o Espiritismo estará na

¹⁵ De muito alto vamos descer bem baixo, porque, santos mistérios, somos levados de volta às mesas girantes; é porque no Espiritismo tudo se encadeia. O fenômeno vulgar das mesas girantes repousa sobre um princípio, e esse princípio encerra a lei de todas as manifestações espíritas, como a queda de uma maçã encerra toda a lei de gravitação. Com efeito, como nos dizem os Espíritos que a mesa se move? Eles a empurram e a elevam com suas mãos e à força de braços? Não. O Espírito envolve a mesa com uma porção da substância de seu próprio perispírito que, combinada com o fluido animalizado ou perispírito do médium, dá à mesa uma espécie de vida artificial; a mesa é momentaneamente animada, e como tal obedece, não a um impulso físico, mas à vontade do Espírito. O Espírito lhe deu então uma porção de si mesmo; poderíamos quase dizer que ele encarnou-se nela. O que se passa de maneira relativamente grosseira da parte de um Espírito inferior para produzir um fenômeno acessível aos sentidos, não poderia ser realizado de maneira menos material da parte de um Espírito infinitamente puro, e nos ajudar a compreender a presença do Cristo no pão e no vinho?

Igreja. A fé nova terá tal claridade, que os mais cegos, como os mais endurecidos, abrirão seus olhos e seus corações. Enquanto esperas, ó meu filho, bendigas e agradeças ao Senhor por te haver feito espírita, como tu o bendizes por te haver feito cristão.”

Zenão

XIII

Com a autorização do meu muito honrado amigo, Sr. Allan Kardec, presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, extraí de uma de suas obras, neste momento no prelo, as páginas seguintes que parecem de uma lógica irresistível.

“A doutrina da reencarnação parece, num primeiro olhar, contrária a certas crenças religiosas, mas um exame atento logo mostra que essa contradição é mais aparente que real, e provém mais da interpretação que do fundo. Sem entrar aqui nos desenvolvimentos que essa questão comportaria, nós a resumiremos em algumas palavras. Primeiramente, de duas coisas uma: ou a encarnação existe, ou não existe. Se ela não existe, seria preciso prová-lo, não por uma negação, mas pela demonstração patente de sua impossibilidade; se ela existe, é que está na natureza das coisas, e nada fará que assim não o seja. Ora, a nossos olhos, ela está provada pelo raciocínio e por fatos positivos que a tornam evidente. Quanto à questão de dogma, basta lembrar que certas teorias, tais como o movimento da Terra e os períodos de sua formação, foram tratados outrora de heresias e anatematizadas como contrárias aos textos bíblicos; mais tarde foi preciso render-se à evidência e reconhecer, não que os escritores sagrados se tivessem enganado, mas que se estava equivocado na interpretação. O mesmo ocorrerá com a reencarnação quando sua evidência não puder ser mais contestada, e quando se houver compreendido, sobretudo, que ela é infinitamente mais conforme à justiça de Deus do que a doutrina da unicidade de existência. De resto, estaríamos em erro se encarássemos essa crença como de origem exclusivamente pagã; não somente encontramos seu princípio em mais de um autor cristão, como ela também é nitidamente formulada no Evangelho, nas próprias palavras de Jesus.

Com efeito, lemos no Evangelho de São João, cap. III, essa passagem característica:

1. Havia um homem entre os fariseus chamado Nicodemos, um dos principais judeus.
2. Esse homem veio, de noite, encontrar Jesus e lhe disse: Mestre, nós sabemos que tu és um doutor vindo da parte de Deus, pois ninguém poderia fazer esses milagres que tu fazes, se Deus não estivesse com ele.
3. Jesus lhe respondeu: Em verdade, em verdade, eu te digo, que se *um homem não nascer de novo*, ele não pode ver o reino de Deus.
4. Nicodemos lhe diz: Como um homem pode nascer quando ele está velho? Pode reentrar no ventre de sua mãe, e nascer uma segunda vez?
5. Jesus respondeu: Em verdade, em verdade, eu te digo que se um homem não nascer de água e de espírito, não pode entrar no reino de Deus.

6. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do espírito é espírito.
7. Não te espantes, pois, do que eu te disse: *É preciso que nasçais de novo.*
8. O vento sopra onde ele quer, e tu ouves o seu ruído; mas tu não sabes de onde ele vem nem para onde vai. O mesmo se dá com todo homem que é nascido do espírito.
9. Nicodemos lhe disse: Como podem se dar essas coisas?
10. Jesus lhe respondeu: Tu és doutor em Israel, e não sabes essas coisas?
11. Em verdade, em verdade, eu te digo dizemos o que sabemos, e que nós rendemos testemunho do que temos visto; *mas vós não acreditais nosso testemunho.*
12. Se vos falei das coisas terrestres, e não o credes, como acreditareis quando eu falar das coisas celestes?

Diz-se ainda no Evangelho de São Mateus, cap. XVII:

10. E seus discípulos o interrogaram dizendo: Porque então os escribas dizem que é preciso que Elias venha primeiro?
11. Jesus lhes respondeu: É verdade que Elias devia vir primeiro, e restabelecer todas as coisas.
12. Mas eu vos declaro que Elias já veio, e eles não o conheceram, e o fizeram sofrer como bem entenderam. É assim que farão sofrer o Filho do Homem.
13. Então seus discípulos compreenderam que era de João Batista que ele falara.

Uma vez que João Batista era Elias, há então reencarnação do Espírito ou da alma de Elias no corpo de João Batista.

(Para mais desenvolvimentos, ver *Livro dos Espíritos: Pluralidade das existências*, nº 166 e seguinte, e nº 222).

A comunicação seguinte me foi ditada sobre o mesmo assunto por meu Espírito familiar.

“Na doutrina da reencarnação há uma economia moral que não escapará à tua inteligência.

É evidente que uma vida não basta para a realização dos desígnios de Deus, quando um Espírito encarna de conformidade com as suas leis.

Somente a corporeidade é compatível com os atos de virtude, e sendo esses atos necessários à melhoria do Espírito, este raramente vai encontrar em uma única existência corporal todas as circunstâncias necessárias à sua elevação acima da humanidade.

Admitindo-se que a justiça de Deus não pode aliar-se com penas eternas, e devendo a expiação ser proporcional às faltas, a razão deve concluir que é necessário:

1º Um período de tempo durante o qual a alma examina seu passado e toma suas resoluções para o futuro;

2º Uma existência nova em harmonia com o adiantamento atual dessa alma.

Não falo dos suplícios muitas vezes terríveis infligidos a certos Espíritos após sua morte. Eles respondem, por um lado pela enormidade da falta, por outro à justiça de Deus.

Voltando às reencarnações, compreenderás sua necessidade por uma comparação vulgar, mas plena de verdade.

O que ocorre com ao jovem colegial, após um ano de estudo? Se ele progrediu, se foi laborioso, se aproveitou o tempo, ele passa para uma classe superior; se permaneceu imutável em sua ignorância, ele repetirá a mesma classe. Suponha que tenha cometido faltas graves, e será ignominiosamente expulso. Ele poderá vagar de colégio em colégio, ser declarado indigno de pertencer à Universidade, e passar da instituição de educação à de correção.

Tal é a imagem fiel da sorte dos Espíritos.

Toda existência mal cumprida exige uma nova existência, e nada satisfaz mais completamente a razão; se se quiser examinar mais profundamente a doutrina, ver-se-á o quanto, em presença dessas ideias, a justiça de Deus parece mais perfeita e mais conforme às grandes verdades que dominam nossa inteligência. No conjunto, como nos detalhes, há alguma coisa de tão claro e de tão tocante, que no primeiro aspecto o espírito é como iluminado.

Os reproches murmurados contra a Providência, as maldições contra a dor, o escândalo do vício feliz em face da virtude que sofre, a morte prematura da criança; numa mesma família, dando-se as mãos, por assim dizer, as mais comovedoras qualidades, com uma perversidade precoce, o idiotismo; as enfermidades que surgem no berço, as diversidades infinitas das condições humanas, seja nos indivíduos seja nos povos: são problemas insolúveis até agora, enigmas que têm feito duvidar, não somente da bondade de Deus, mas quase da sua existência. Tudo isso é esclarecido ao mesmo tempo; um puro raio de luz estende-se sobre o horizonte da filosofia nova, e nesse quadro imenso agrupam-se harmoniosamente todas as condições da existência humana. Aplainam-se as dificuldades, os problemas se resolvem, e mistérios se explicam nessa única palavra: *Reencarnação*.

Digo-te em teu coração, caro cristão: Eis, desta vez, uma verdadeira heresia?...

Não, ó meu filho, não mais que a negação da eternidade das penas; nenhum dogma prático está em oposição formal com essa doutrina.

O que é a vida humana? O tempo que o Espírito permanece unido a um corpo. O cristianismo, no dia marcado por Deus, ensinará que a vida do homem é múltipla. Isso

não acrescenta nem altera nada em vossos deveres. A moral cristã permanece de pé; os preceitos são os mesmos, a lembrança da missão de Jesus plana sempre sobre a humanidade.

A religião nada tem a temer desse ensinamento; não está longe o dia em que seus ministros, abrindo os olhos à luz, reconhecerão na doutrina nova o socorro que, do fundo de suas basílicas, eles pedem ao céu. Eles creem que a sociedade vai perecer: ela vai ser salva.”

Zenão

XIV

Os católicos podem observar que a doutrina da reencarnação explica muito racionalmente certos dogmas que permanecem até agora como mistério. Tal é, por exemplo, o do pecado original. Quantos esforços de imaginação, quantos sofismas laboriosos para colocá-lo de acordo com a bondade e a justiça de Deus! Pois quê! A Humanidade toda condenada e maldita pela falta de um só homem! É certo que esse dogma é embaraçoso para a teologia, mas não o é para o Espiritismo.

No momento designado pelos decretos de Deus, Espíritos foram incarnados nesta Terra, e submetidos a uma lei. Se tivessem obedecido, este mundo teria sido a morada da felicidade, pois os homens não podem ser felizes senão praticando a lei de Deus; eles desobedeceram; desprezaram essa lei; em vez de servir a Deus, serviram apenas às suas paixões; mergulharam na vida material, e sofreram as consequências da violação da lei. A Terra tornou-se assim morada de Espíritos inferiores, submetidos, por conseguinte, a rudes provas que são ao mesmo tempo expiação do passado e meio de progresso para o futuro. Daí pode-se concluir que ninguém tem o direito de acusar a justiça de Deus. Condenados a sofrer, nós expiamos faltas cometidas por nós em existências anteriores, e não a falta cometida por Adão. Somos, assim, responsáveis por nossas próprias ações e não pelas dos outros, conforme um princípio de eterna justiça, única que ninguém pode desprezar. Trazemos, ao nascer, o germe de nossos próprios vícios, daqueles aos quais nos entregamos numa outra existência; eis o pecado original. Dessa maneira se pode compreender, porque é lógico e racional. Quando a Igreja o ensinar dessa maneira, o significado do pecado original, ela fechará a boca daqueles que a censuram.

E quando à Imaculada-Concepção? Esse dogma que tem sido objeto de tantas zombarias e que dividiu o clero, precisa, para ser explicado, recorrer a tantos raciocínios que se poderia concluir: É um mistério no qual precisamos crer, mas que não se pode compreender? De forma alguma. Só há uma coisa a dizer: Deus quis que o Cristo, a pureza mesma, nascesse de um ser puro; escolheu Maria que não trazia naquela vida as máculas de uma outra existência, isso quer dizer que ela não estava manchada pelo pecado original, não porque Deus a havia criado, por exceção, irresponsável pela falta de Adão, mas porque sua vida precedente tinha sido santificada pela virtude. Assim explicado, esse dogma teria sido compreendido por todos, e ninguém teria ousado ridicularizá-lo.

Essas ideias se ligam evidentemente ao dogma do batismo, essa purificação da alma na entrada da vida. Eis, a esse respeito, uma comunicação encantadora obtida, em nossa presença, pelo Sr. D... Filho, um dos médiuns da Sociedade Espírita:

“Há uma ficção mitológica que os Antigos encaravam como uma ideia moral e que, pouco a pouco, se foi materializando. Trata-se da ficção chamada fonte da juventude, e por Jesus de Nazaré, de água viva, e que os poetas chamam ainda de *fontaine de Jouvence* (fonte de juventude). O cristianismo, que conservou a ideia pura, a denomina batismo ou redenção.

Prova brilhante da reencarnação! Pois quê! Pobre criança, apenas entras na vida e tua consciência já é culpada?

Entretanto, quando estás em solitude, quando tua razão começa a distinguir o bem do mal, tu não tens medo; tu és inocente, pois a solitude inspira a prece. Porque essa consciência que apenas começa a falar já seria culpada? Ó mistério! Abismo onde o pensamento se perde! O Espiritismo vos explica.

Com efeito, vós o sabeis: a alma é velha num corpo jovem, e já pecou; está aí o pecado original que a perdeu; na Terra, o batismo é o emblema dessa purificação espiritual que rejuvenesce a alma.

Vede que em todos os tempos o homem justo e superior buscou essa purificação que leva à virtude. Platão, Sócrates, vo-lo mostraram; o próprio Cristo vos mostrou por sua conduta e pelas suaves palavras que endereçou à Samaritana, sob a figura tão poética de água viva. Essas palavras são, para vós, vossa salvação a todos.

O batismo é o emblema da purificação da alma reencarnada. Sede sempre justos, e morrereis purificados como no dia de vosso batismo.

Ronsard

A doutrina da reencarnação explica então, e posso dizer que somente ela pode explicar, os males e os sofrimentos da Humanidade, de conformidade com a justiça de Deus. Nós trazemos, pessoalmente, a pena do mal que pessoalmente houveramos cometido, conforme estas palavras do Cristo: A cada um segundo suas obras. É nesse mesmo sentido que devemos entender estas outras palavras: *Quem matou pela espada, pela espada perecerá*; isso quer dizer que numa existência nós sofremos o mal que tivermos feito sofrerem os outros: o senhor duro e desumano poderá nascer escravo; o mau rico na miséria; o orgulhoso numa condição humilhante. É assim que a reencarnação se liga perfeitamente às principais verdades da religião de que é o corolário, ou melhor ainda, o primeiro tronco. É remontando à reencarnação que encontramos a verdadeira significação de certos dogmas, e não são precisos grandes esforços para tornar essa ideia concorde com os textos sagrados e fazer desaparecer a aparente injustiça da universal condenação. Nós a encontramos explicitamente expressa nas palavras mesmas do Cristo;

acrescentemos que ela se encontra implicitamente no dogma que a Igreja ensina todos os dias, na fórmula mesma do símbolo da fé. Eis o que se encontra a esse respeito no *Livro dos Espíritos*:

- O dogma da ressurreição da carne é a consagração do da reencarnação ensinada pelos Espíritos?

"Como quereis que seja de outra maneira? Dá-se com essas palavras como com tantas outras, que não parecem desarrazoadas aos olhos de certas pessoas senão porque são tomadas ao pé da letra, e por isso elas conduzem à incredulidade. Dai-lhes, porém, uma interpretação lógica, e aqueles a quem chamais livres pensadores admiti-las-ão sem dificuldade, precisamente porque eles refletem; não vos enganéis, esses livres pensadores nada mais pedem do que crer. Eles têm, como os outros, e talvez mais que outros, sede de futuro, mas não podem admitir o que é desmentido pela ciência. A doutrina da pluralidade das existências é conforme à justiça de Deus; somente ela pode explicar o que sem ela é inexplicável; como querer que seu princípio não esteja na própria religião?"

- Assim a Igreja, pelo dogma da ressurreição da carne, ensina ela própria a doutrina da reencarnação?

"Isso é evidente. Ademais, essa doutrina é a consequência de muitas coisas que passaram despercebidas, e que não se tardará a compreender nesse sentido; em breve se reconhecerá que o Espiritismo ressalta a cada passo do próprio texto das Escrituras. Os Espíritos não vêm, pois, derrubar a religião, como alguns o pretendem; ao contrário, vêm confirmá-la, sancioná-la por provas irrecusáveis; todavia, como é chegado o tempo de não mais se empregar a linguagem figurada, eles se exprimem sem alegoria, e dão às coisas um sentido claro e preciso, para não dar ocasião a nenhuma falsa interpretação. Eis porque, dentro de algum tempo, tereis mais gente sinceramente religiosa e crente do que tendes hoje."

São Luís

"A ciência, como efeito, demonstra a impossibilidade da ressurreição segundo a ideia vulgar. Se os despojos do corpo humano ficassem homogêneos, mesmo que fossem dispersados e reduzidos a pó, ainda se conservaria sua reunião por determinado tempo, mas as coisas não se passam assim. O corpo humano é formado de elementos diversos: oxigênio, hidrogênio, azoto, carbono, etc. Pela decomposição, esses elementos se dispersam, mas para servir à formação de novos corpos, de tal sorte que a mesma molécula de carbono, por exemplo, entrará na composição de vários milhares de corpos

diferentes (falamos apenas de corpos humanos, sem contar com todos os dos animais); tal indivíduo tem, talvez, em seu corpo, moléculas que pertenceram às primeiras idades do mundo. Essas mesmas moléculas orgânicas que absorveis em vossa alimentação, talvez provenham do corpo de tal ou qual indivíduo que tendes conhecido, e assim por diante. Sendo a matéria em quantidade *definida*, e suas transformações em quantidade *indefinida*, como cada um desses corpos poder-se-ia reconstituir dos mesmos elementos? Há aí uma impossibilidade material. Não se pode admitir racionalmente a ressurreição da carne senão como uma figura que simboliza o fenômeno da reencarnação, e então nada que choque a razão, nada que esteja em contradição com os dados da ciência.

É verdade que, segundo o dogma, essa ressurreição não deve ocorrer senão no fim dos tempos, enquanto segundo a doutrina espírita ela ocorre todos os dias. Todavia, não haveria nesse quadro do julgamento final uma grande e bela figura que esconde, sob o véu da alegoria, uma dessas verdades imutáveis que não encontrará mais céticos, quando for encarada sob sua verdadeira significação? Que se medite bem a teoria espírita sobre o futuro das almas e sobre sua sorte como consequência das diferentes provas que elas devem sofrer, e se verá que, exceto a simultaneidade, o julgamento que as condena ou as absolve não é uma ficção, como pensam os incrédulos. Notemos ainda que ela é a consequência natural da pluralidade dos mundos, hoje perfeitamente admitida, enquanto, segundo a doutrina do julgamento final, a Terra é considerada o único mundo habitado."

XV

Às comunicações precedentes eu poderia acrescentar muitas outras, mas não vejo nisso utilidade. Se os dissidentes não estão convencidos, se ousam afirmar que tudo isso é linguagem do demônio, ou ainda, se me opõem pura e simplesmente uma brutal negação, volumes inteiros não bastariam para suprir a insuficiência destas páginas. A mim parecem perfeitamente categóricas, e se elas não obtêm a adesão de todos os meus irmãos católicos, não serão para eles, eu o espero, nem causa de perturbação, nem motivo de escândalo.

Não foi sem hesitação que me decidi a publicá-las; resisti por longo tempo às prementes solicitações dos meus amigos, e ainda teria resistido se meu Espírito familiar não me tivesse dado os conselhos que vamos aqui reproduzir:

“Esses conselhos são um mandamento, obedeça, meu filho, atesta a tua fé. Diz simplesmente o que sabes, sem esforço de eloquência, sem esforço de imaginação; pensa mais na glória de Deus do que no julgamento dos homens. É inútil expor fatos extraordinários; os fenômenos espíritas apreciáveis pelos sentidos contam-se aos milhares desde alguns anos. Tentar convencer, com a mais pura boa fé, contando as maravilhas de que foste testemunha, nada acrescentará à convicção daqueles que sabem, nem às boas ou más disposições daqueles que ignoram.

Na obstinação dos doutos, na sua áspera recusa em examinar, no seu inexprimível desdém pelos mais formidáveis fenômenos que Deus tem concedido às meditações dos homens, certamente há um mistério que nada pode explicar; nada, senão a punição do orgulho; nada, a não ser que eles ainda não merecem participar das graças reservadas aos humildes de coração, ou às almas dispostas a receber a celeste semente.

Não penses nesses homens, e nada escrevas para eles. Se pudesses lhes apresentar um inseto, um musgo, um fragmento de mineral não detectados pelo microscópio do cientista, tu serias ouvido, admirado, talvez; no entanto, só podes oferecer-lhes a prova tangível, evidente, palpável da imortalidade da alma: é muito pouco; serás desdenhado e ridicularizado.

Se as manifestações espíritas fossem mais raras; se, nestes últimos anos somente alguns fatos se tivessem realizados, haveria talvez um motivo sério para fazer-se uma enquête, recolher provas, compor com isso uma bela memória acadêmica. Ao contrário, Deus prodigalizou maravilhas, milhões de homens viram, e somente em Paris elas aconteciam diariamente, em centenas de reuniões. Sua realidade, sua evidência, sua autenticidade são tais, que certamente é mais irracional negar as manifestações dos Espíritos do que negar a existência da antiga Babilônia ou da antiga Roma. Esquece, pois os incrédulos; não tentes convencê-los; escreve para os homens de boa vontade.

Em presença de fatos que deslumbram vossos olhos, não se trata de constatar sua existência, mas de lhes apreciar o caráter. Trata-se de saber se Deus permitiu essas coisas para enganar os homens ou para esclarecê-los.

A questão é, pois, exclusivamente religiosa, e sendo admitidos os fenômenos, o primeiro pensamento de um cristão deve ser este: São eles obra da Divindade ou obra do demônio?... Escreve, meu filho, e deixa a teus irmãos cristãos a felicidade de tirar conclusões.

Zenão

XVI

Terminarei com algumas reflexões das quais os homens sérios saberão apreciar o alcance.

Eu disse e repito que é inútil querer provar a existência dos Espíritos. Essa verdade, nestes últimos tempos apoiada na religião e na filosofia, assume doravante o caráter de um fato material e acessível aos sentidos. Os incrédulos honestos se tornarão crentes quando lhes aprouver ser convencidos. Os progressos do Espiritismo são tais, e o número sempre crescente das manifestações ganham proporções tão inesperadas, que podemos ver, num futuro próximo, a realização das predições tão consoladoras contidas nas muitas comunicações precedentes.

Uma única coisa pode opor-lhe verdadeiros obstáculos: a imprudência e a leviandade dos experimentadores. Há espíritas amadores mais perigosos, que mais podem comprometer a marcha do Espiritismo, do que os mais obstinados incrédulos. Evocam sem fervor, sem recolhimento, não para instruir-se, não para melhorar-se, mas para satisfazer uma curiosidade no mínimo pueril, quando não culposa; são admitidos, em seus círculos de evocação, libertinos, ímpios, homens depravados. As comunicações se dão, mas são blasfêmias, palavras grosseiras, obscenidades repugnantes que respondem às evocações, provocando, o que é lamentável, mais explosões de riso do que indignação. É de surpreender-se que as pessoas honestas se retirem, e que as piedosas vão a toda parte dizendo que o Espiritismo é obra do demônio?

É de suma importância que as pessoas desejosas de evocar sejam prevenidas desse perigo. A experiência provou que os maus Espíritos podem esgueirar-se por toda parte, mas a presença dos bons se lhes impõe, e estes últimos estarão sempre em maioria nas reuniões onde domina o respeito, a piedade, a plena confiança em Deus. O recolhimento e o fervor são as duas condições essenciais das boas evocações.

Admitamos, no entanto, que, apesar de tudo, Espíritos maldosos podem tentar nos enganar. As substituições não são raras, mas como dizem os bons Espíritos Deus o permite como prova, ou para exercitar nosso discernimento. Para evitar ser enganado, duas coisas são necessárias: uma é estudar previamente a ciência espírita, a fim de premunir-se contra a intromissão dos maus Espíritos; pelo estudo se aprende a conhecer seus ardis e os meios de os frustrar; a outra, é não afastar-se do objetivo providencial do Espiritismo. Esse objetivo é a melhoria do homem e não a descoberta das coisas veladas; quem quer que veja no Espiritismo um meio para servir aos seus interesses materiais deve esperar ser mistificado.

Como quer que seja, experiências boas ou más, do conjunto dos fatos conhecidos resulta uma verdade irrevogavelmente adquirida, é que a mesma diversidade que

observamos entre os homens existe, e maior ainda, entre os Espíritos; portanto, há bons e maus Espíritos. Uma vez que os Espíritos são as almas dos homens, seria tão ilógico crer que sejam todos perfeitos, só porque são Espíritos, quanto crer que são todos maus porque encontramos mentirosos.

Os demonólogos, ou antes, os demonófobos, não querem ouvir falar de Satã. Parece-me difícil concordar com suas opiniões, quando se leu com alguma atenção as primeiras páginas deste modesto livro. Entretanto, os católicos fervorosos, consciências timoratas podem, eu o admito, conservar algumas inquietudes. No entanto, creio ter demonstrado, apoiando-me nas comunicações espíritas, que a doutrina nova se alia maravilhosamente às ideias cristãs e ao dogma católico. Todavia, faço uma reserva; devo sinceramente convir que em três pontos, de alguma importância, o Espiritismo parece afastar-se da doutrina da Igreja. Com efeito, ela diz:

Fora da Igreja não há salvação.

O *Espiritismo* assegura: Católicos ou não, sereis julgados segundo vossas obras.

A Igreja diz: O inferno é eterno.

O *Espiritismo*: A expiação é proporcional à falta.

A Igreja diz: A vida é única, e a alma é criada ao mesmo tempo que o corpo.

O *Espiritismo* afirma: A vida é múltipla, e a alma é anterior à formação do corpo.

Esses diversos pontos que se podem considerar os mais essenciais, constituem uma divergência tal que seja impossível conciliá-los? Não, certamente, pois a distância que os separa é menor do que parece. Eu disse e repito que é perfeitamente ortodoxo admitir o fogo como emblema de um grande sofrimento moral, e não como um fogo material. Quanto à eternidade das penas, ela é interpretada mesmo por alguns teólogos de uma maneira menos absoluta e mais aceitável. Segundo eles, a eternidade das penas deve entender-se no sentido de que Deus, criando almas incessantemente, haverá sempre almas que se afastam da via do bem e incorrem em castigos; os castigos então durarão sempre, o que não quer dizer que serão eternos para cada indivíduo.

Se o Espiritismo negasse as penas e as recompensas futuras, nisso ele seria anti-religioso e imoral; mas bem longe de negá-las, ele vem prová-las pelo próprio testemunho daqueles que sofrem ou são felizes. Ele faz mais, na minha opinião; ele as apresenta de uma maneira racional, o que é um ponto importante para combater a incredulidade.

Um cético obstinado um dia me disse, numa discussão: "Vós lamentais por encontrar tantos incrédulos, mas dai-lhes coisas críveis e eles crerão." Pois bem, esse mesmo cético que não cria em nada, é hoje um bom e excelente cristão, graças ao Espiritismo que provou o que lhe parecia inadmissível, e o levou a compreender o que ele jamais havia compreendido. Exemplos como esse multiplicam-se todos os dias.

O princípio que, num primeiro olhar, parece ser o mais anti-dogmático, mas que será aceito pela força das coisas, é o da reencarnação. Abstração feita das provas materiais que se pode ter, e de sua confirmação pelas próprias palavras do Cristo, não tardará a reconhecer-se que ele se alia a todos os dogmas; bem mais: certos dogmas encontram nesse princípio uma sanção e argumentos peremptórios.

Acrescentemos que o ensino espírita se apoia nas revelações que se renovam e se confirmam todos os dias. É preciso que a Igreja se preocupe com essa questão; assim como em outras épocas seus ensinamentos tiveram que se dobrar diante das evidências da ciência, ela deverá forçosa e invencivelmente assimilar os fatos cuja realidade não se pode recusar, sob pena de ficar sozinha na retaguarda.

Faço um apelo aos homens de boa-fé: as modificações impostas pelo Espiritismo são mais difíceis de obter do que aquelas impostas pela ciência? Custará mais ao catolicismo colocar-se de acordo com os fenômenos e as revelações espíritas, do que lhe custou renunciar à sua cosmogonia? Enfim, o belo edifício cuja primeira pedra foi colocada pelo Cristo há dezoito séculos, seria abalado ou reafirmado pela nova doutrina? Para nós não há dúvida quanto à resposta.

Quando as luzes do Espiritismo iluminarem toda a Humanidade, quando vozes celestes autorizadas por Deus vos disserem:

Crede no poder, na bondade e na misericórdia infinitas;

Crede na imortalidade da alma;

Crede no pecado original;

Crede na missão de Jesus Redentor;

Crede no Evangelho, no arrependimento, nas provas;

Crede na expiação, nas penas e nas recompensas;

Crede no anjo guardião, nos bons e nos maus Espíritos;

Crede na virtude dos santos;

Crede nas preces pelos vivos e pelos mortos. E, longe de ser ameaçada, a religião se apoiará numa força inesperada; seus dogmas, enriquecidos pela revelação nova, exercerão uma irresistível influência. Como dos séculos quinze e dezesseis data o renascimento das artes, do século dezenove datará o renascimento do sentimento religioso.

XVII

Creio ter demonstrado que seria preciso conhecer bem pouco o Espiritismo para considerá-lo uma prática ímpia; ao contrário, ele serve aos interesses da religião e já reconduziu ao redil um bom número de ovelhas desgarradas, pela força da evidência: é um fato adquirido pela experiência. Seria impiedade fazer do Espiritismo um divertimento, ou servir-se dele para coisas fúteis e de interesse mundano. Não devemos esquecer que os Espíritos foram o que nós somos; que entre eles estão nossos parentes e amigos, e que amanhã talvez nós estaremos entre eles, se Deus quiser nos retirar da Terra. Os Espíritos, que são inferiores e infelizes, têm o direito à nossa comiseração e à nossa assistência; os que são bons e elevados, à deferência e ao respeito que teríamos por eles se estivessem neste mundo. Ademais, é com um penoso sentimento que os homens sérios e piedosos observam aqueles que brincam com as comunicações de além-túmulo, pois há então verdadeira profanação. Respeita-se as cinzas de um morto, não se deve, com mais forte razão, respeitar seu Espírito ou sua alma?

Todos os homens sinceramente religiosos veem no Espiritismo o mais poderoso meio de deter a torrente de incredulidade que invade todas as classes e mina surdamente a sociedade pela base, e a própria Igreja, estou convencido, nele encontrará um dia seu mais firme suporte; essa é também a opinião de muitos eclesiásticos esclarecidos. Deus quer que não se possa aplicar-lhe o famoso: *É tarde demais*. Seria tarde demais, se ela se deixasse ultrapassar na interpretação racional dos dogmas, pois então um cisma me parece inevitável mesmo no seio da Igreja; e a seita nova recrutaria entre todos os indiferentes de hoje, cujo número é considerável, e entre todos os católicos que seguissem a bandeira do progresso.

Se assim é, dir-se-á, então o Espiritismo é um inimigo que é preciso combater, aniquilar a todo custo. É o que pensam certos amigos mais zelosos que prudentes. Sim, o Espiritismo é inimigo de todas as ideias retrógradas, de todas aquelas que não são do nosso século; a esse respeito é um adversário com o qual logo compreenderemos que é preciso contar. Os inimigos do progresso, então, são os únicos que têm interesse em combatê-lo. No entanto, aniquilá-lo não me parece coisa fácil, pois precisaria aniquilar o poder que têm os Espíritos de se manifestar. Bem se poderá, por medo, desviar algumas pessoas de se ocuparem do Espiritismo, despertando seus escrúpulos; mas podemos estar bem certos de que elas serão um número bem pequeno, e quanto mais se tentar deter o curso, mais se excitará a curiosidade e o desejo de conhecê-lo. A importância do ataque nos dá uma ideia da importância do adversário, e cada um sabe que não se combate contra moinhos de vento; então, há alguma coisa, e cada um quer ver o que é.

Os que atacam o Espiritismo em nome da religião são os mais inábeis, pois agem sem suspeitar do cisma do qual falei. Se ele é uma quimera, é uma quimera sedutora; não o propagueis então vós mesmos, dando-lhe publicidade por uma polêmica da qual não estais certos de ter a última palavra. Deixai ao tempo, e a razão logo fará justiça. Se é uma realidade, não está no poder de ninguém fazer que não o seja, e cedo ou tarde essa verdade virá à luz, pois a verdade pode ser travada, jamais abafada.

Ademais, o Espiritismo é, por sua natureza, intocável, porque não repousa sobre a cabeça de um só homem. Ele surgiu em todos os pontos do globo e nas próprias fileiras de seus inimigos mais obstinados; esse é um fato que ninguém pode contestar.

Se o Espiritismo é comprimido num país, florirá num país vizinho, na própria região onde tentaram abafá-lo por medidas das mais rigorosas; pode-se interditar o exercício público, mas está acima do poder mais despótico impedir cada família de encontrar médiuns entre seus membros, e dele ocupar-se na intimidade. Todos os rigores da inquisição não lograriam êxito. Ocorre com o Espiritismo o mesmo que com os princípios modernos de ordem social, contra os quais o absolutismo veio quebrar-se. Ele está no ar; seus partidários aumentam a cada dia, e aqueles que o combatem o fazem por um interesse mal-entendido, ou por ignorância.

Digo por ignorância, porque muitos não se dão ao trabalho de aprofundar o alcance filosófico da nova doutrina, e julgam pelo lado ridículo a que se presta a inexperiência de algumas pessoas, ou pela exageração de certos excêntricos, encontrados em todas as ideias filosóficas, religiosas ou econômicas. O verdadeiro Espiritismo, como disse o Sr. Allan Kardec, não é mais responsável pelos abusos que dele se pode fazer, ou pelo extravio de certas imaginações exaltadas, do que a verdadeira religião pelos excessos do fanatismo.

Resumo-me dizendo, do meu ponto de vista, do qual compartilham muitos homens mais versados do que eu em matérias religiosas, que a religião, conciliando-se com o Espiritismo, a respeito dos dogmas fundamentais que ele sanciona, dando-lhes uma interpretação aceitável para todos, não pode senão ganhar em influência, se souber aproveitar a tempo. Se, ao contrário, a Igreja quiser separar-se do Espiritismo, seria logo ultrapassada pelas ideias novas que ganham enorme terreno a cada dia, e que nada pode deter.

FIM